

Capítulo V

Biografia de um *Movimento*: à procura dos atores

1. Outro ponto de partida

A apresentação dos principais atores, individuais e coletivos, na constituição do *Movimento Antimanicomial* italiano tem início, necessariamente, em sua principal liderança, o psiquiatra e professor Franco Basaglia, para, a partir de seus relacionamentos, identificarmos a rede de relações que darão sustentação a essa ação coletiva. Assim, apresentaremos também o grupo dos gorizianos, apoiando-nos na trajetória de Antonio Slavich – que nos apresentou também a categoria *amigos de Gorizia* – e Agostino Pirella. Em seguida, abordaremos o grupo que fundou a associação Psiquiatria Democrática, procurando explorar continuidades e identidades em construção no *Movimento*, sem perder de vista as suas descontinuidades, multiplicidade e contradições internas, como aprendemos com Melucci.

Havia todo um conjunto de pessoas, psiquiatras em sua maioria, que se encontravam nos diversos congressos, encontros e seminários entre profissionais, que publicavam intensamente, divulgando e discutindo publicamente as suas práticas, e que se inspiravam em modelos alternativos europeus (especialmente ingleses, com as comunidades terapêuticas, e franceses, com a psicoterapia institucional e a psiquiatria de setor), como veremos no capítulo VI.

Os eventos que reuniam psiquiatras e, paulatinamente, atraíam a atenção de outras categorias profissionais (enfermeiros, assistentes sociais e educadores) e políticos democratas empenhados na administração de políticas públicas locais (provincial) foram um mecanismo fundamental de divulgação das primeiras experiências; de protesto e denúncia; de resistência contra o atraso e a violência das práticas psiquiátricas de então; de proposição de reformas; e de construção de novos significados e parâmetros nas relações sociais psiquiátricas institucionalizadas.

Essa multiplicidade de vínculos é importante, na medida em que se costuma atribuir exclusivamente toda a constituição e condução da *Luta Antimanicomial* à

originalidade e ousadia da liderança de Franco Basaglia. Isto seria apenas parcialmente verdadeiro.

Em um livro editado em 1979, *Autobiografia di un movimento*, essa multiplicidade é apresentada por Basaglia, em colaboração com Tranchina. Trata-se de uma seleção dos textos (documentos, debates, entrevistas, descrições de experiências, denúncias, etc) que testemunhariam o processo de construção da ação coletiva nos anos 60 e 70. Ele registra a participação de psiquiatras, médicos, enfermeiros, estudantes, usuários dos serviços e administradores, além de forças sindicais e políticas.

Há muito a investigar e debater com relação ao contexto e às iniciativas italianos que sustentam o crescimento deste *Movimento* de profissionais. Efetivamente, são múltiplas as faces de um movimento social, e se o considerarmos uma ação coletiva temos como tarefa descortinar, mesmo minimamente, a rede de interações que acolheu os conflitos e a organização da *Luta Antimanicomial*. Perguntamo-nos como foi possível a formação do grupo *protagonista*. Ao procurar responder a esta questão, questionamo-nos também sobre as suas fronteiras que se estruturam simbolicamente.

2. Franco Basaglia: a constituição do *Movimento*

Não se pode atribuir aos gestos isolados de um psiquiatra a razão e a força de um movimento que será, a partir de 1968, referência cultural e assistencial, cuja influência se faz sentir ainda hoje na Itália. Porém, sem a centralidade de Franco Basaglia, e *seus gestos isolados*, também não se pode compreender o processo de construção do *Movimento Antimanicomial*. É neste ator, suas inquietações, reflexões e ações, que se funda a construção de um sentido “discrepante” e de uma orientação de ação original, que sustentarão toda uma rede de relações do *Movimento*.

A história e a prática *de e com* Basaglia foram efetivamente fundamentais para a identificação dos rumos, do significado e da radicalidade do movimento social em questão. Entendemos que este profissional foi se tornando um estrategista, obstinado pela meta de acabar com os manicômios italianos, e não apenas italianos,

como se pode atestar em suas intervenções no Brasil¹, no final dos anos 70, e na América Latina, e em sua participação no Reseau, Rede Internacional de Alternativas à Psiquiatria, fundada em Bruxelas, em 1975. Esta rede, diga-se de passagem, surgiu quase concomitantemente à Psiquiatria Democrática.

A Rede, ou *Reseau* (Marcos, 1981), seria um conjunto de relações de intercâmbio entre experiências e reflexões, americanas e européias, como alternativa à psiquiatria tradicional, com vistas ao aprofundamento dos seguintes princípios: supressão de todas as formas de confinamento psiquiátrico; rechaço ao monopólio dos problemas de saúde mental feito pelos profissionais da área; crítica à psiquiatria de setor, assim como às novas técnicas psiquiátricas e psicanalíticas que mascaram sua expansão; e apoio a lutas sustentadas por grupos ou populações contra a psiquiatrização.

O rechaço inicial relativo ao paradigma psiquiátrico dominante, positivista e organicista, não foi uma exclusividade de Franco Basaglia. Ele participou de alguns dos grupos alternativos de formação, que destacamos no item anterior, e freqüentou ativamente, com apresentação de artigos, os congressos nacionais e internacionais de neurologia, psiquiatria, psiquiatria social e psicoterapia em que a crítica às instituições psiquiátricas estava sendo tecida (Colucci e Vittorio, 2001). Mas a sua prática e seu discurso, nos anos 60, conquistaram tonalidades particulares.

Em especial, destacamos a colaboração de Basaglia com o Gruppo antropofenomenológico, com o Gruppo milanese per lo sviluppo della psicoterapia, com o grupo de Padova² (Piro, 1988:79-81), com a AMOPI e com o CEMEA. Segundo relatou Agostino Pirella³, a sintonia entre ele e Basaglia com este grupo de psicanalistas se justificava não apenas pelo fato de encontrarem ali espaço de divulgação do trabalho em Gorizia, mas na mesma atitude crítica diante dos manicômios, da formação universitária dos psiquiatras e da valorização das relações humanas e da psicoterapia. O grupo de Galli era, também ele, um movimento democrático, de esquerda.

¹ Sobre este assunto, ver o livro *Conferenze Brasiliani* (Basaglia, 2000).

² Segundo consta em *A instituição negada* (1985), Basaglia fez duas comunicações na Sociedade Veneto-emiliana.

³ Em entrevista.

A partir de meados dos anos 60, aprofundam-se as diferenças entre os gorizianos e o Grupo de Galli, e a interação se esvanece. Mas é quando a sintonia se desloca para o CEMEA (por intermédio da revista que esta entidade publicava), para os debates com os profissionais de Varese e de Parma, que finalmente o grupo de Gorizia delinea sua identidade e torna público o seu projeto, que será amplamente discutido e proposto para as administrações locais das cidades italianas e para o PCI.

A principal atitude de ousadia diante dos parâmetros tradicionais se evidenciou na chamada *negação do mandato institucional* de segregação e custódia da psiquiatria, que faz nítida referência às interpretações do estrutural funcionalismo sobre a medicina, que já exploramos em Parsons, apesar de não haver nenhuma citação direta de autores, como evidencia o seguinte trecho do livro *A instituição negada*, publicado no final dos anos 60: “o psiquiatra, como delegado da sociedade, detém o mandato de *curar* os doentes através de *atos terapêuticos* que têm o único significado de ajudá-los a se adaptar a sua condição de 'objetos de violência'?” (Basaglia, 1985:110).

Então, torna-se necessário o “rechaço do ato terapêutico”, na medida em que se traduziria em um projeto de integração social que reforça a exclusão dos doentes mentais. Necessário também se tornará o rechaço ao papel social do psiquiatra enquanto investido, histórica e institucionalmente, de poder de controle sobre os doentes mentais.

Basaglia trabalha na perspectiva da explicitação da indignação diante da violência manicomial e na capacidade de invenção ou de reconstrução das estruturas assistenciais e/ou de atenção, explorando ou re-apropriando os recursos teórico-metodológicos da psiquiatria social, da cultura política de esquerda italiana, da sociologia de Goffman e, fundamentalmente, da vida, em suas infinitas possibilidades de solidariedade e cooperação.

A história de Franco Basaglia é muito curiosa. Tudo começou de modo um pouco acidental. Ao contrário do que preconizaria Tarrow (1990), tudo começa num cenário de absoluta ausência de oportunidades.

Ele cursou a Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Padova, no norte da Itália. Iniciou seu curso em 1943, e foi ali que entrou em contato com

estudantes antifascistas, o que resultou em uma denúncia seguida de prisão (por seis meses), no fim da II Grande Guerra (Colucci e Di Vittorio, 2001). Sua história *militante* começa aqui, na medida em que essa experiência constituirá uma referência importante diante dos desafios encontrados no trabalho no âmbito da psiquiatria. (Colucci, Di Vittorio, 2001:1)

Basaglia era desde o início, na perspectiva de seu primeiro colaborador, Antonio Slavich⁴, um homem de esquerda, um “socialista radical”, por assim dizer, mas sem vinculação partidária, mesmo que nascido (em 1924) em uma rica família veneziana.

Ele formou-se em 1949, passando a trabalhar como professor assistente na *Clinica di malattie nervose e mentali*, da universidade de Padova, onde permaneceria até 1961. Especializou-se em 1958 e conquistou a livre docência em 1958. Permaneceu no exercício da docência em Padova até 1961 (Colucci, Di Vittorio, 2001:2), quando sua vida profissional tomou rumo totalmente diverso.

Basaglia, como informou Slavich, não fazia progressos na carreira acadêmica, nem em psiquiatria, nem em neurologia no ambiente acadêmico em Padova. Era um profissional sem esperanças de carreira naquele mundo universitário. O diretor e catedrático da área, o *barão*, em Padova, prof. Giovanni Battista Belloni, não dava espaço para a disciplina de psiquiatria e para o desenvolvimento do trabalho deste professor. Basaglia era considerado, nos termos de Slavich, “*uma pessoa estranha, pouco confiável*”, porque trabalhava com uma perspectiva teórica diversa da usual, com os autores da antropofenomenologia e da análise existencial.

Foi sob pressão da situação profissional em que se encontrava que Basaglia seguiu o destino dos que não tinham futuro na vida universitária italiana dos anos 60, fortemente hierárquica e autoritária. O diretor desta clínica, o já citado professor Belloni *convidou-o* para assumir a direção do hospital psiquiátrico de Gorizia, que era uma localidade sem o menor destaque do ponto de vista político e acadêmico. Segundo Basaglia, “após treze anos como assistente universitário, quando estava ‘na vigília da cátedra’, o professor me disse ‘*escute Basaglia, penso que seria melhor que você fosse trabalhar em um manicômio*’” (Colucci e Di Vittorio, 2001:14).

⁴ Em entrevista.

Basaglia, segundo lembra Slavich, estava também por assumir a direção de uma grande clínica particular de religiosos, e talvez isto tivesse alterado completamente sua trajetória. Mas naquele tempo, segundo este psiquiatra, havia um diretor do hospital psiquiátrico da província de Gorizia, que “*pela sua inércia*”, começava a preocupar os operadores de Gorizia. O fato foi que ele morreu subitamente, e assim Basaglia acabou sendo indicado para a direção deste hospital público, pois em Gorizia a esfera de influência universitária era de Padova, e assim o professor Belloni se *liberou* de Basaglia, enviando-o a esta longínqua e inexpressiva localidade.

O *convite*, ou melhor, a sugestão impositiva era a de abandonar a carreira universitária. Basaglia aceitou. Não via outra alternativa melhor.

Sua relação com a universidade foi, desde então, problemática. Ao longo de sua trajetória, participou da vida acadêmica por três vezes, e sempre foi *expulso*: em Padova, depois de 13 anos (seguindo para Gorizia); em Parma, depois de oito anos; e, posteriormente, quando venceu um concurso nacional e lhe ofereceram a cátedra de neuropsiquiatria geriátrica, que ele recusou por entender que o oferecimento desta área sinalizava já uma rejeição de toda a sua história profissional (Colucci e Di Vittorio, 2001:14).

Basaglia foi, então, indicado para a direção do manicômio de Gorizia, acontecimento que, na verdade, sinalizava seu desprestígio e o condenava ao isolamento. Significava “renunciar às glórias da pesquisa científica para emergir nas águas turvas da psiquiatria prática, na qual a autoridade médica se confunde com a judiciária, a função terapêutica com aquela de controle social” (Colucci e Di Vittorio, 2001:12).

Consta que o impacto da chegada ao manicômio de Gorizia tenha sido tão intenso a ponto de Basaglia retornar a Padova, pensando em demitir-se (Colucci e Di Vittorio, 2001:111). Mas acabou assumindo o desafio. Era um manicômio enorme, com 8 setores fechados, 4 femininos e 4 masculinos, totalizando 629 internos, classificados como *agitados, crônicos e tranquilos*, em uma província de 135 mil habitantes e numa cidade de cerca de 45 mil, segundo o relato de Slavich.

Basaglia levou na bagagem, para esta que foi uma longa viagem (cerca de 7 anos), uma concepção fenomenológica-existencial da relação psicoterapêutica,

inspirada na antropofenomenologia de Binswanger e Minkowski, e na filosofia de Sartre, em sintonia como o pensamento crítico do pós-guerra. Conhecia a metodologia psicanalítica freudiana, por intermédio do Grupo Milanês de Psicoterapia de Galli. Mas não só não o utilizava como, a partir do início do processo de mudança institucional, o criticava. Não criticava particularmente a teoria psicanalítica, mas os psicanalistas e sua prática, que era incapaz de promover mudanças reais no tradicional cenário assistencial italiano. Além disto, Basaglia recusava eticamente a possibilidade de se fazer concomitantemente uma prática pública e privada (consultorial), como de resto era este um posicionamento dominante entre os psiquiatras de esquerda na Itália de então.

Ele era já conhecido em alguns circuitos, como a Sociedade Italiana de Psiquiatria, que era extremamente tradicional, dominada pelos catedráticos da psiquiatria então dominante. Era um intelectual muito ativo⁵ e publicava intensamente.

Basaglia começou pelo que parecia ser o fim. A direção de um hospital psiquiátrico era um “final de carreira”, praticamente um exílio, como já comentamos. Um auto-exílio. Não apenas os pacientes eram subtraídos do mundo, da sociedade; os médicos também. Mas a coisa curiosa é que ele usou do poder *quase divino* da sua posição para começar seu movimento de mudança nos limites daquele manicômio goriziano. Segundo Antonio Slavich, logo na primeira noite no manicômio, ele não permite mais a contenção física e estabelece, paulatinamente, uma série de novas regras de organização e comunicação: *nenhum doente seria amarrado ao leito*. O momento fundante de todo o movimento que se desenvolveria posteriormente, da *Luta Antimanicomial*, seria este, na opinião de Slavich⁶. O impacto entre os funcionários foi, naturalmente, grande.

Foi a partir da consciência – cuja criticidade era estimulada, supomos, pelas interlocuções nos fóruns profissionais que freqüentava – de sua própria situação de segregação, da sua própria marginalidade acadêmica, que Basaglia, agora com o poder de diretor de manicômio, construiu, teceu, toda uma perspectiva comunitária

⁵ Uma discussão detalhada sobre a obra de Basaglia é feita por Colucci e Di Vittorio na publicação intitulada *Franco Basaglia* (2001).

⁶ Para compreender este momento, Slavich indica o livro *A instituição negada*.

de trabalho. Compôs, aos poucos, sua equipe e tomou as primeiras decisões no sentido da humanização do hospital. Foi um esforço de democratização dirigido aos doentes mentais. Sua repulsa ou rejeição à violência foi, por si mesma, impactante na prática e concepções correntes ao interno daquela estrutura. Algum tempo depois é possível identificar o início da rede de relações que deu sustentação ao *Movimento Antimanicomial*.

Basaglia se interessou pelas comunidades terapêuticas desenvolvidas na Inglaterra, que visitou no mesmo ano que assumiu Gorizia, em 1961 (Colucci e Di Vittorio, 2001:140), e seu trabalho ganha novos rumos experimentais e caráter de inovação institucional.

Já em 1964, ele explicitava o que viria a ser o projeto antiinstitucional, quando afirmou que “o psiquiatra parece, realmente, redescobrir que o primeiro passo em direção à cura do doente é o retorno à liberdade que, até então, ele mesmo havia tirado do doente” (Basaglia & Tranchina, 1979:9). Esta afirmação consta em um artigo intitulado “A destruição do hospital psiquiátrico”, que fora apresentado no I Congresso Internacional de Psiquiatria Social, em Londres. Neste artigo, faz referência a Foucault e ao conceito de “paciente institucionalizado”, de Goffman (apesar de não citá-lo como fonte direta). Ele sintetizava o acúmulo de três anos de trabalho concretizados nos seguintes pontos, inspirados no modelo de comunidade terapêutica, de Maxwell Jones (Dinglinton, Escócia): abolição da contenção física e do eletrochoque; e atenção às condições de vida dos internos e a suas necessidades reais. São organizadas assembléias, por pavilhões e gerais; a vida comunitária se enriquece, com festas, passeios e atividades artísticas; são abertos espaços de encontro (homens e mulheres deixam de estar completamente separados); os pacientes, em sua maioria, conquistam a possibilidade de transitar livremente no hospital (Colucci e Di Vittorio, 2001:2); são utilizados psicofármacos; e é processada a reeducação dos internos, a reconstrução das relações extramuros, a retirada de barreiras físicas (grades), a instauração de sistema de *open door*, portas abertas para a livre circulação dos pacientes, e a criação de hospital-dia (Basaglia e Tranchina, 1979:13). Segundo Jervis, um dos colaboradores em Gorizia, Basaglia teria realizado o trabalho “com uma coragem e uma raiva da qual – creio – nenhum outro teria sido capaz na Itália, naqueles anos, em uma situação local culturalmente

e politicamente desfavorável, havia decidido fazer de Gorizia uma experiência piloto” (Colucci, Di Vittorio, 2001:12).

A grande descoberta que esta experiência propiciou foi a de que “o encontro com o doente mental só é possível se ele é ‘livre’ e se todos os membros da comunidade (médicos, enfermeiros e pacientes) se encontrem em um plano de liberdade e responsabilidade” (Colucci e Di Vittorio, 2001:90).

Assim, Basaglia redefine a responsabilidade e o papel de médicos e pacientes, reconhecendo a liberdade e a igualdade como valores fundamentais à realização de encontros terapêuticos. Por esta via de apelo à responsabilidade é que Gorizia se torna uma referência, e o *Movimento* de luta, que começa a se delinear nos encontros, debates e conflitos que se configuram a partir de 1964, um marco que se justifica na intenção de projetar algo que, até então, era uma referência local para toda a Itália, numa perspectiva de universalização, e não apenas de divulgação de um conhecimento ou uma prática técnica. Ele afirmará que:

A negação de um sistema é a resultante de uma desestruturação, de um questionamento do campo de ação em que agimos. É o caso da crise do sistema psiquiátrico enquanto sistema científico e enquanto sistema institucional: desde que nos conscientizamos do significado desse campo específico, particular, em que atuamos, ele vem sendo desestruturado e questionado (Basaglia, 1985:103).

O que está em questão é uma profunda redefinição contratual, normativa, institucional, entre sujeitos sociais que exigirá todo um percurso político e que inverte por completo a lógica institucional, tal como descrita anteriormente por Parsons. É o que justificaria a denominação de *luta antiinstitucional*. Seria por demais incongruente compreender as ações e orientações normativas deste processo como desviantes, quando, na verdade, elas são fundantes de novos modos interpretativos.

Basaglia, efetivamente, lidera um deslocamento de um movimento filosófico (antropofenomenológico) para um movimento social, crescentemente inspirado pelo marxismo e filosofia da práxis (Piro, 1988:133; Colucci, Di Vittorio, 2001:93), que marcará profundamente a vida cotidiana e a cultura da Itália.

“A liberdade é terapêutica”: essa é a inovação temática do *Movimento de Luta Antimanicomial*, sintetizada numa frase pichada em letras juvenis nos muros de Trieste anos depois do fim da experiência de Gorizia, em 1977, no III Encontro da Rede Internacional de Alternativas à Psiquiatria. Era já uma orientação clara desde

o início do trabalho, em 1961. A palavra de ordem, “a liberdade é terapêutica”, é emblemática deste processo que foi constituído a partir de uma formação de consciência crítica apoiada no reconhecimento de que os rumos de uma reforma institucional deviam ser traçados a partir do exercício democrático e do desejo de justiça. Literalmente, liberdade de ir e vir; liberdade de expressão e de escolha.

Essa idéia se chocava, frontal e intencionalmente, com a concepção de que o manicômio, ou o hospital psiquiátrico, pudesse ser, por meio de sua organização, um local de cura ou de cuidados. Este será o ponto de conflito principal que marcará as polêmicas e disputas entre os psiquiatras e com a sociedade política desde meados dos anos 60 e ao longo dos anos 70. Afinal, a racionalidade psiquiátrica resgatada pela experiência em Gorizia afirma que

se a liberdade é terapêutica, se apenas sobre as bases de um encontro de homens livres com outros homens livres se pode construir uma relação terapêutica, então, o preço a pagar é a destruição do manicômio, máquina implacável que produz incessantemente exclusão, discriminação, violência e opressão. Para os psiquiatras, se trata de um preço muito alto, o mais alto, visto que está em jogo o seu papel, a sua identidade, o seu saber e o seu poder (Colucci, Di Vittorio, 2001:107).

Basaglia viabilizou uma prática de vitalização exercitada por intermédio do assembleísmo e do trabalho em equipe, de inumeráveis reuniões, o que se traduziu, inicialmente, na transformação do manicômio em comunidade terapêutica e, logo em seguida, na segunda metade dos anos 60, na necessidade de superá-lo, destruí-lo, como dispositivo pseudoterapêutico.

Nesse momento, Basaglia se apoiava já na leitura de Erving Goffman, Michel Foucault e Frantz Fanon e na cultura de esquerda marxista italiana, com destaque para o materialismo histórico e, em particular, o papel do intelectual e da sociedade civil de Gramsci.

Basaglia dá início a um processo de diferenciação dos modelos de comunidades psicoterapêuticas e passa a polemizar com os modelos franceses de psicoterapia institucional e de psiquiatria de setor.

Segundo Colucci e Di Vittorio (2001:192), Basaglia teria sido influenciado pelo livro *História da loucura* e pela crítica de Foucault⁷ às ciências humanas

⁷ Reciprocamente, este filósofo francês disse, segundo Colucci e Di Vittorio, em diversas ocasiões, estar “impressionado” pelo encontro com os movimentos de luta contra e na instituição psiquiátrica (Colucci e Di Vittorio, 2001:196), em referência aos movimentos italianos (*Luta Antimanicomial*) e inglês (antipsiquiatria).

(racionalidade iluminista e humanista). Goffman, por sua vez, era o autor que deu sustentação ao giro sociológico da matriz de pensamento basagliana, deslocando o doente mental do campo da psiquiatria e permitindo uma nova interpretação da noção de controle e institucionalização⁸. O conceito de institucionalização remete ao surgimento de um complexo de *danos de identidade*, resultantes da permanência prolongada em instituições de caráter asilar, fechado e autoritário, definida por Barton como “neurose institucional”. Goffman retoma este conceito em aprofundados estudos sobre as instituições totais (manicômios, prisões, campos de concentração, casernas militares, comunidades religiosas, etc.).

Já Fanon teria fornecido os elementos identitários da inspiração revolucionária. Trabalhara com Tosquelles em Saint-Alban e, posteriormente, assumira o cargo de chefia no hospital psiquiátrico de Blida-Joinville, na Argélia (África). Este psiquiatra teria entrado em contato com as forças revolucionárias de liberação da Argélia e, após tecer críticas à perspectiva colonialista da psiquiatria europeia, teria se demitido para dedicar-se à luta pela liberação. Ele seria, então, um modelo da *anticarreira* institucional do psiquiatra, fazendo um movimento de auto-destruição como sujeito do conhecimento e de construção de um posicionamento ético-político libertário. Fanon encarnaria a negação do mandato institucional, tão cara aos basaglianos (Colucci e Di Vittorio, 2001:2001).

Já as críticas de Basaglia às metodologias francesas se apoiavam na avaliação de que os psicoterapeutas institucionais acabaram por não afrontar a necessidade de desmontagem dos hospitais psiquiátricos e de que a psicanálise lacaniana teria se prestado à ocultação das contradições que o processo de humanização dos hospitais havia explicitado. A psiquiatria de setor era criticada por “exportar” o manicômio para além dos muros dos hospitais psiquiátricos, promovendo uma psiquiatrização da sociedade, traduzida em projetos de integração (Colucci e Di Vittorio, 2001:151) que seriam a contraface conservadora da exclusão, sendo ambas apoiadas em uma perspectiva custodialística.

⁸ Uma boa discussão sobre o assunto está em Pedro G. G. Delgado, no artigo “Perspectivas da psiquiatria pós-asilar no Brasil”, publicado no livro *Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil* (Costa e Tundis, 1987). Sobre este assunto, recomendamos também a consulta a Erving Goffman, em *Asilums – la condizione sociale del malato di mente e di altri internati*, de 1968 (traduzido por Franca Basaglia).

Enfim, os modelos ingleses, escoceses e franceses não afrontavam o fundamental: era preciso destruir os manicômios em todas as suas formas (hospitais psiquiátricos), pois eles representam o núcleo das estratégias de controle e sanção atribuídos às instituições psiquiátricas. O livro *L'istituzione negata*, publicado em 1968, critica as comunidades terapêuticas e todos os tipos de reforma institucional.

A apresentação deste livro, assinada por Basaglia, introduz o discurso do grupo, ou da equipe de trabalho, como antiinstitucional e antiespecialístico. Afirma que

O questionamento do sistema institucional transcende a esfera psiquiátrica e atinge as estruturas sociais que o sustentam, levando-nos a uma crítica da neutralidade científica – que atua como sustentáculo dos valores dominantes –, para depois tornar-se crítica e ação política (Basaglia, 1985:9).

Procurava-se colocar entre parênteses todos os esquemas, para ter a possibilidade de agir em um território ainda não codificado ou definido. Para começar, foi necessário “negar tudo o que esta à nossa volta: a doença, o nosso mandato social, a nossa função” (Basaglia, 1985:29).

A especificidade do estilo basagliano, ou dos gorizianos, estaria em seu espírito de contestação dirigido às relações de opressão em toda a sociedade (Colucci e Di Vittorio, 2001:171).

Basaglia tinha a possibilidade e a capacidade de transformar a realidade institucional e de reinventar os próprios instrumentos de trabalho. Não se restringiu a isto. Não só reinventou como radicalizou e, sistematicamente, expandiu suas fronteiras. Mas o fez a partir de um lugar de poder, a direção do manicômio realizada pelo psiquiatra. Operou de forma a invertê-lo: negando-o e afirmando-o a um só tempo.

Essa expansão de suas propostas se deu também por meio de conquista de espaço de trabalho para os membros de sua equipe e para si mesmo, em diálogo e articulação nos meandros de outras instituições políticas e públicas. Foi assim que construiu as sintonias que fundaram o *Movimento Antimanicomial* e, posteriormente, a Psiquiatria Democrática

Ele definiu seu trabalho como *suicida* (Marcos, 1983:10), do ponto de vista da identidade psiquiátrica, já nos final dos anos 70, no encontro do Reseau

internacional, realizado no México. Negava a própria referência normativa da profissão, para recuperá-la em um outro plano ético e político.

Mas este psiquiatra *suicida* era ao mesmo tempo um articulador que operava ao interno das relações políticas e profissionais e reconstruía a instituição psiquiátrica que negava a partir de novos parâmetros. Basaglia parece ter metas claras em seu caminho: destruir, sim, os manicômios, mas propor todo um desenho institucional alternativo, que se traduziria na formação em psiquiatria e na administração dos serviços psiquiátricos. Foi, pouco a pouco, em diálogo com a rede⁹, que ia constituindo, modelando, um estilo específico, *basagliano ou goriziano*, e uma serie de alianças, por meio das quais multiplicou, no início dos anos 70, a experiência inicial de Gorizia.

A equipe de Basaglia se enriqueceu com a entrada de psiquiatras sintonizados com o desafio estabelecido e com o crescimento da esquerda e centro-esquerda na Itália. As coisas tomaram novos e, às vezes, inesperados rumos. Era a construção do ator coletivo que se processava, com a participação de muitos nomes, que geralmente não são recordados, e do desenvolvimento de muitas outras experiências.

Basaglia começa uma pequena revolução em Gorizia, em 1961. Em meados de 60, havia já estruturado no hospital o modelo de *comunidade terapêutica*. Porém, a partir de 1967, o projeto, já amadurecido, exigia redefinições operacionais em direção à estruturação dos serviços externos ao hospital e à reintegração dos doentes mentais.

Essa perspectiva de expansão dos serviços para fora do hospital conquistou apoio na nova legislação de 1968, a *Lei Mariotti*. Paralelamente, havia um grande investimento na formação de opinião pública. Basaglia apelava para a mídia e girava a Itália discutindo com estudantes em sintonia com o movimento estudantil, que se tornou uma parceria importante.

Em 1969, após a publicação do *L'istituzione negata*, Basaglia parte para os EUA, como *visiting professor*, onde permanece por seis meses (Community Mental Health Center do Maimonides Hospital do Brooklyn, em New York)¹⁰ investigando o

⁹ Cujas raízes serão tratadas no item: os gorizianos.

¹⁰ Quando escreve o artigo “Lettera da New York: il malato artificiale” (Basaglia, 2000).

modelo de psiquiatria comunitária norte-americana. Ele estava interessado na legislação psiquiátrica, de 1963, do governo Kennedy. Quando retorna desta viagem, deixa o trabalho de Gorizia e assume nova experiência em Parma, já acertada, a convite de Mario Tommasini, secretário da saúde ligado ao PCI. Imbuído das propostas comunitaristas norte-americanas, teria proposto a fragmentação do manicômio de Parma em vários centros autônomos (Amarante,1996).

Basaglia deixa Gorizia porque a composição de centro-esquerda, que dava sustentação à administração local, negou-se a abrir os centros externos ao hospital, já aprovados pela Lei de 1968, que constituiriam a assistência territorial. Ou seja, defronta-se com os limites político-administrativos do seu trabalho, advindos dos gestores públicos que impediam a efetivação do projeto de fechamento do manicômio, que seria a consagração do esforço da equipe de psiquiatras no projeto de reforma que queria reintegrar os doentes mentais à sociedade e ofertar assistência mediante a prestação de serviços extramuros.

Ainda em Gorizia, em setembro de 1968, um paciente com longa história de internação, autorizado a visitar a família, acaba se envolvendo em um conflito com a esposa e a mata. Basaglia é responsabilizado, desta vez pela imprensa e pela justiça, junto com sua equipe. Este delito tem enorme repercussão nacional e é também decisivo para o seu afastamento de Gorizia. O cargo de diretor do hospital que se tornara conhecido em toda a Itália é passado a Agostino Pirella, membro da equipe, até que este também se afasta, em 1971, para assumir a direção do hospital psiquiátrico de Arezzo. Domenico Casagrande, também ele goriziano, assume a direção de Gorizia e conduz o desfecho da experiência em um ato de demissão coletiva, envolvendo todos os médicos, em 20 de outubro de 1972 (Colucci e Di Vittorio, 2001:210).

Em Parma, a junta de esquerda não apóia efetivamente Basaglia, pois evita confrontar interesses sindicais (dos enfermeiros), econômicos (o manicômio sustentava a economia local) e políticos locais (Colucci, Di Vittorio, 2001:4).

Basaglia considera então uma oferta de trabalho em Trieste, onde presta concurso para a direção do hospital psiquiátrico da localidade, em resposta ao convite de Michele Zanetti, jovem professor universitário, presidente da junta de

centro-esquerda¹¹, que oferece apoio ao projeto de superação do manicômio e de organização da assistência territorial (Colucci, Di Vittorio, 2001:5). Era mais um convite fundamentalmente político, e Basaglia está convencido de que ali poderia *atacar* o manicômio frontalmente.

Note-se que o apoio partidário não é uma variável claramente relevante até este momento. Basaglia e sua equipe acabam por se sintonizar com os administradores ou gestores públicos que disponibilizam o espaço. Porém, a experiência de Gorizia havia sinalizado vigorosamente a viabilidade do projeto antimanicomial e conquistado espaço no âmbito da cultura psiquiátrica, a atenção da sociedade política, algum espaço na mídia e a simpatia dos demais movimentos de protesto. Era, no entanto, necessário levar a cabo a possibilidade do fechamento das estruturas asilares. As novas experiências deveriam sustentar essa possibilidade e revelar a sua eficiência técnica e política.

Então, uma nova equipe é montada para a realização do trabalho em Trieste, apoiando-se na Lei n. 431, de 1968. Basaglia contrata médicos jovens como bolsistas e como voluntários (Colucci e Di Vittorio, 2001:257), muitos deles oriundos do movimento estudantil que já dava sinais de arrefecimento, e assume também o caráter formador do trabalho que realiza, apesar de nesta época estar ligado à Universidade de Parma. Segundo Basaglia, citado por Colucci e Di Vittorio, o jovem psiquiatra aprendiz

só através da colocação em crise do próprio papel, no próprio terreno específico (ou seja, da ideologia da sua competência) em relação com a estrutura social, pode vincular-se, na prática, com as lutas da classe operária. Sem a mediação do específico [singular, na terminologia dialética], de onde nasce a real motivação a sua luta, a rebelião do estudante assume um caráter de um descontentamento vago (Colucci, Di Vittorio, 2001:127).

Em Trieste, Basaglia desenvolverá o trabalho mais importante de sua carreira, pois concretiza o projeto de fechamento do manicômio local, em 1977, e de construção de uma complexa rede territorial que preconiza a reinserção social dos doentes mentais¹². Ele procura legitimar, cientificamente, o trabalho e extrair do reconhecimento da competência técnica, já internacionalmente estabelecida, os

¹¹ Uma aliança entre DC, PSI, PSDI, PRI e Unione slovena. O PCI estava na oposição a esta junta (Colucci e Di Vittorio, 2001:255)

¹² Ela será discutida no item: A expansão territorial dos gorizianos.

meios para a consolidação de um projeto de amplo alcance societário. Em consonância com este esforço de legitimação, em 1973, a Organização Mundial de Saúde credenciou o serviço psiquiátrico de Trieste como referência para pesquisa em saúde mental (Amarante, 1996).

Basaglia e Giulio Maccacaro (diretor do Istituto di Biometria da Università di Milano) iniciam, em 1978, pesquisa sobre serviços psiquiátricos na Itália¹³, no âmbito de um projeto de medicina preventiva do CNR, Consiglio Nazionale delle Ricerche, dirigido por Raffaello Misiti (Colucci e Di Vittorio, 2001:6). Neste mesmo ano, Basaglia viaja a Moçambique para apoiar o início de um projeto de reforma psiquiátrica neste país, segundo informou Venturini.

Em junho de 1979, Basaglia viaja ao Brasil realizando seminários em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro (Basaglia, 2000). Ao retornar, em novembro, ele se afasta formalmente da direção de Trieste, assumida por Franco Rotelli, para se transferir a Roma, onde deveria assumir o cargo de coordenador dos serviços psiquiátricos da região de Lazio.

Porém, logo se manifestam os sinais do tumor cerebral que o levará à morte em sua casa, em Venezia, no dia 29 de agosto de 1980 (Colucci e Di Vittorio, 2001:7).

O legado de Basaglia será problemático para os psiquiatras: “A sua experiência não mais cessou de oscilar entre um extremismo teórico e sua superação ética, entre sua vontade de verdade e a sua dissipação experimental e política” (Colucci, Di Vittorio, 2001: 102).

A trajetória de Basaglia se realiza em uma profunda e radical capacidade de articulação com outros profissionais e movimentos; capacidade de exercício crítico compartilhado e de reinvenção dos padrões psiquiátricos institucionalizados. As relações contratuais entre médicos e pacientes são subvertidas em direção a um reconhecimento mútuo totalmente diverso, e assim se desencadeia o processo de desinstitucionalização.

Essa perspectiva, assim definida, denota um esforço realizado por profissionais que acontece, fundamentalmente, nos planos simbólico e político. Não

¹³ A pesquisa se chamava “Sotto progetto prevenzione malattie mentali”. Sobre o assunto, consultar as atas de seminário *Ricerca finalizzata nei servizi psichiatrici*, organizado por Grassi, Tartari e Roella (1986).

se trata simplesmente de efetivar uma crítica epistemológica e construir adaptações ou re-equilibrações no contexto de uma prática técnica, mas de reinventar o padrão normativo que media a ação. Um exercício de autonomia que se viabiliza, a nosso ver, em função de manobras no contexto do exercício profissional sintonizado com um projeto emancipatório.

Mas até aqui a dimensão coletiva, o campo multiorganizacional (como preconizaria Klandermans) e os mecanismos de produção de solidariedade e reinvenção institucional não foram evidenciados. Evidenciamos apenas a trajetória da principal liderança do *Movimento* e três localidades onde ocorreu a aplicação do modelo proposto: Gorizia, como ponto de origem da deflagração do processo; Parma, como possibilidade; e Trieste, como espaço de realização.

Retomemos o palco de origem desse extraordinário *desvio* para evocar criticamente a terminologia parsoniana, de modo a inserir mais elementos que compõem a análise do *Movimento Antimanicomial* em sua complexidade e extensão.

3. Os gorizianos

A experiência de Gorizia se tornou, nacional e mundialmente, conhecida por meio da publicização em encontros entre profissionais e do livro *A instituição negada*, de 1968, uma coletânea de artigos escritos pelos psiquiatras intelectuais da equipe de profissionais que nuclearam o *Movimento* em seu formato inicial. Gorizia terminou, praticamente, como possibilidade de desenvolvimento do projeto antimanicomial, logo após esta publicação, que discutiremos mais adiante.

Ocorre que a equipe não havia conseguido superar os limites do manicômio goriziano. Havia a necessidade de romper os *muros* políticos que impediram a realização do trabalho, articulando possibilidades de crescimento ou expansão na Itália pela negociação com administradores locais democráticos, “iluminados”, e com os partidos políticos de esquerda, em especial o PCI, e de centro-esquerda. Neste ínterim, foram tecidas importantes alianças com os movimentos estudantil e operário italianos.

O resultado mais importante da primeira fase do *Movimento* foi a construção de um grupo profissional bastante coeso, do ponto de vista identificatório, formado no calor da experiência de Gorizia. Será a partir e em torno deste grupo, composto,

em sua grande maioria, por psiquiatras, que se dará a expansão do *Movimento Antimanicomial*.

Pouco antes do livro *A instituição negada*, a equipe de Basaglia, os gorizianos, já havia publicado, em associação com Tommasini, o responsável pela assistência na área da saúde em Parma, em 1967, o livro *Cos'è la psichiatria? As reflexões sociológicas e políticas* eram já maduras nesse momento, e o grupo de psiquiatras se projetava na disputa do projeto de reforma psiquiátrica italiana em contraposição aos modelos psiquiátricos, tanto o tradicional como o de setorização, de forte influência na ocasião, pela mediação do Partido Comunista. Os gorizianos faziam a *política* com todas as letras, sendo esta prática entendida, em consideração às contribuições da filosofia política democrática grega, como “atividade coletiva explícita que pretende ser considerada lúcida (refletida e deliberada), tendo como objeto a instituição da sociedade como tal” (Castoriadis, 1992:136). Disputavam espaço e recursos para a implementação de seu projeto.

A clínica psicoterapêutica, ou a técnica, em si, ocupava lugar secundário. Mas os gorizianos estavam apoiados em uma fórmula de ação que produzia resultados subjetivos (de cura e resgate de identidade) e de emancipação (ofertando reinserção social).

O trabalho em Gorizia contou com a participação, maior ou menor, de muitos profissionais, por períodos variados, ao longo dos 10 anos de sua existência. Os gorizianos foram muito freqüentados, como o recorda Slavich, por profissionais, estudantes e leigos, que, ou faziam visitas ou trabalhavam voluntariamente por um certo período. Colhia-se o *estilo* de trabalho desenvolvido pela equipe: aguerrido, liberal e informal (no que concernia às hierarquias profissionais e institucionais).

Mas essa equipe inicial, os gorizianos, não foi constituída ao acaso. Do seu conjunto destacam-se os nomes de alguns profissionais que se tornaram os principais responsáveis pela sustentação da experiência (fotografia em anexo 4).

Antonio Slavich era um jovem psiquiatra formado em Padova, sem vinculações partidárias. Chegou a Gorizia em 1962, dois meses após o início da experiência, respondendo a um convite de Basaglia, que fora seu professor na graduação em Padova. Trazia uma experiência de trabalho desenvolvido na

Alemanha com o antropofenomenólogo Erving Straus. Ficou em Gorizia até 1969, quando partiria para estruturar o trabalho que se desenvolveria em Parma.

Agostino Pirella era psiquiatra experiente, militante do Partido Socialista Italiano (PSIUP), oriundo de Mantova. Chegou a Gorizia em 1965, permanecendo até 1971, quando aceita o convite do Partido Comunista para reestruturar o serviço psiquiátrico de Arezzo.

Domenico Casagrande era psiquiatra, inexperiente, vindo de Venezia e, segundo relata Slavich, amigo da família de Basaglia. Chegou a Gorizia em 1965 e permaneceu até o fechamento da experiência em 1972, retornando para Venezia¹⁴.

Lucio Schittar era um psiquiatra que desejava reorientar seus interesses profissionais. Chegou em Gorizia em 1965, trabalhando, a princípio, como voluntário (Schittar, 1999:61). Ingressou na equipe, na qual permaneceu até 1969, seguindo para Parma, onde apoiaria o trabalho a ser desenvolvido por Basaglia.

Giovanni Jervis era, antes de tudo, um intelectual brilhante, além de psiquiatra e membro de ala inovadora do Partido comunista (Stefanoni, 1998:31). Chegou a Gorizia em 1967, vindo de Roma, com sua esposa, Letizia Comba, e ali permaneceu até 1969, seguindo para Reggio Emilia, a convite do PCI para assumir o serviço territorial.

Letizia Comba era a psicóloga da equipe. Chegou em 1967, com Jervis, e partiu para Reggio Emilia, em 1969.

Além de comporem a equipe de trabalho em Gorizia, eles foram os autores das duas principais publicações deste *Movimento* nos anos 60 – *Che cos'è la psichiatria* e *L'istituzione negata* –, com a colaboração permanente, apesar de informal do ponto de vista profissional, de Franca Basaglia, esposa de Franco Basaglia, e participavam da comissão científica da revista *Assistenza Psichiatrica e Vita Sociale*. São, além de psiquiatras, de maneira geral, intelectuais de porte, que integraram o grupo a convite de Franco Basaglia e que tinham consciência do desafio da experiência.

Antonio Slavich conta que os primeiros meses foram muito duros em Gorizia. Basaglia se deslocava para Venezia nos fins de semana e Slavich permanecia todo o tempo no hospital, numa atitude vigilante e tensa. Havia outros três médicos no

¹⁴ Segundo informou Ernesto Venturini.

manicômio que não participavam efetivamente do projeto: “*um neuropsiquiatra organicista, um velho médico sloveno dentista e um dermatologista*”. Depois de Slavich, chegaram mais dois médicos a Gorizia: Bombonato e Tesi (com os quais Slavich escreveu alguns artigos). Eles teriam abandonado Gorizia muito cedo para serem chamados de gorizianos, mas, segundo Slavich, a presença deles foi preciosa, dada a *dificuldade* da situação. Eles contribuíram para o esforço inicial de resistência às adversidades, que progressivamente se multiplicavam.

Segundo Slavich, Basaglia foi tolerado em Gorizia porque era apoiado por um democrata cristão de esquerda (Marchesini). Mas eles, os gorizianos, enquanto grupo, sofriam todo o tipo de pressão: cartas anônimas, boicotes, ameaças e agressões morais. E isto seria uma tônica do início das práticas que instauraram desde então. Aconteceria também em Parma, Ferrara e nas outras localidades que acolheram o grupo. Mas Gorizia, para Slavich, foi a experiência mais difícil e dura.

Os enfermeiros, por exemplo, resistiam de todas as formas. Chegavam a deixar as janelas abertas para que os doentes se acidentassem, e assim perturbar o andamento das reformas. Era necessário estar sempre atento. Foi uma longa história de confrontos com estas corporações que ocupavam o terreno manicomial (enfermeiros e psiquiatras) e que não estavam interessadas nas propostas revolucionárias que convulsionavam a rotina do hospital e exigiam um empenho redebrado.

Enquanto grupo, esses profissionais chegaram à localidade de Gorizia, e nas outras cidades, como estranhos, estrangeiros. Extraterrestres: “*Éramos incômodos!*”, afirmou Slavich.

O quadro conceitual de referência dos primeiros gorizianos foi definido por Slavich como o da antropofenomenologia, existencialismo, sendo que, no contexto psiquiátrico, alguns se dedicavam mais à psicopatologia (estudos) e outros, a uma perspectiva tendencialmente existencialista (pautada nos textos de Sartre). Acrescentaríamos a forte influência do pensamento de esquerda oriundo do marxismo, possivelmente introduzido por Pirella e Jervis, que tinham vínculos partidários.

Era muito intensa a relação dos primeiros gorizianos, no início dos anos 60, com o grupo de Galli em Milano. Participavam das iniciativas e tiveram artigos

publicados nos anais dos encontros e, especialmente, dos cursos organizados pelo Gruppo Milanese per lo Sviluppo della Psicoterapia.

Galli era um psicanalista didata que ainda hoje trabalha de forma muito consistente na divulgação da psicanálise, da psicodinâmica freudiana (preferencialmente, nos anos 60, de inspiração norte-americana, trabalhando, por exemplo, com a vertente de Sullivan). Porém, a psicanálise, como método, não teve importância na constituição ideológica do *Movimento Antimanicomial*, nem no cotidiano assistencial, apesar da relação inicial com o grupo de Galli em Milano e do exercício da prática psicanalista de psiquiatras da Psiquiatria Democrática, já nos anos 70, como Paolo Tranchina e Michele Risso.

Ocorriam também, nos anos 60, muitos encontros dos gorizianos com Balduzzi (de Varese), que era, na definição de Slavich, uma pessoa muito decente, correta, formada na experiência de comunidades terapêuticas de Maxell Jones e sintonizado com o modelo francês de setorização¹⁵. Ele foi um dos principais responsáveis pela introdução da psiquiatria de setor na Itália. Mas pode-se dizer que havia relações biunívocas entre o grupo de Balduzzi e os gorizianos, por meio de encontros e discussões. Estes mantinham intensa relação também com o grupo de Perugia, mas eram de qualidade diferente, e não se pode dizer que fosse de estreita colaboração.

Slavich salientou que os psiquiatras que participavam deste intercâmbio conduziam as reflexões em altíssimo nível, mas na prática reproduziam aquilo que havia de pior. É, na verdade, mais importante assinalar, segundo ele, a “*vontade ontológica de autoconstituição*”, a resistência, a necessidade de construir relações reais dos gorizianos. Havia para eles, pode-se dizer, desde sempre, a prioridade da práxis. Mas, fundamentalmente, tinham medo de “*fazer mal*” às pessoas. Tratava-se, antes de tudo, de recuperar ou construir o respeito no contexto das relações estabelecidas com o doente mental.

Duas dimensões devem ser resgatadas no período: a da relação terapêutica e a cultural, que enfatizava a prática coletiva, de inspiração marxista. Na primeira, o grupo de Galli teve grande importância, assim como Sartre. Mas Slavich afirma que a cultura italiana de esquerda teve grande importância naquele período. Havia uma

¹⁵ Assim como a psicoterapia institucional de Oury e Tosqueles.

hegemonia cultural dos comunistas de esquerda, sendo que existiam diversas revistas que veiculavam o pensamento marxista, como a revista *Cuaderni Rossi*. Slavich diz que, a partir de então, 1966, ele se tornou maoísta, partidário da revolução cultural chinesa, e que, posteriormente, *La istituzione negata* se tornou o *livro vermelho da Itália*, como um relato de revolução institucional que inspirava outros movimentos.

Slavich define o trabalho dos gorizianos e, em certa medida, das outras iniciativas sucessivas como um tipo de prática mais comportamentalista, com ênfase no reforço positivo, não punitivo. Talvez estivesse mais próxima de Skinner neste sentido que da psicanálise freudiana, segundo ele.

Tratava-se de um intenso cotidiano de trabalho, pleno de reuniões, discussões e assembléias, com ênfase na cooperação não apenas entre o corpo técnico, mas também entre os pacientes, que eram convidados a participar ativamente da dinâmica terapêutica e institucional.

Razões éticas e pessoais, *“per non farci abrutire¹⁶”*, conduziram a que se fizesse exatamente o contrário do que era esperado da prática psiquiátrica tradicional e pelos políticos da administração pública. Não havia nada de heróico nisto, segundo Slavich. De certa forma, tudo começa com uma náusea pela violência ou fobia de manicômios.

O que integrava os gorizianos era o estilo de trabalho e de transmissão. O fundamental era criar condições para a liberdade, para que as pessoas pudessem simplesmente sair dos manicômios e reintegrar-se na vida.

Era, ainda na opinião de Slavich, como se todos estivessem se preparando para uma ampla revolução, que se daria logo em seguida, mas que efetivamente não aconteceu. Batalhas civis aconteciam na Itália: luta operária, medicina nas fábricas, etc. As batalhas resultaram na amplificação da presença da saúde mental nas instituições, sem que isto resultasse na psiquiatrização ou psicologização dos problemas sociais.

Em 1969, Slavich comentou que decidira, juntamente com Basaglia e Schittar, deixar Gorizia. Basaglia havia feito uma viagem aos EUA (por um ano, segundo ele) e depois foi para Parma. Segundo Jervis, acrescentaríamos, desde 1967, Basaglia

¹⁶ Para não se tornar brutal.

falava em deixar Gorizia, e havia já feito gestões em Ravena e Bologna (Jervis, 1977:25). Schittar e Slavich anteciparam-se a Basaglia em Parma. No dia em que chegaram, foi feita uma ocupação do manicômio pelos estudantes (tudo estava articulado até com o administrador local Tommasini) por cerca de um mês. Esperava-se com isto afastar o diretor do hospital local. Era o clima de fevereiro de 1969, com a efervescência do movimento estudantil. Mas a estratégia fracassou, pois este diretor só sairia tempos depois, por ocasião de sua aposentadoria. A experiência em Parma, mesmo com o afastamento do diretor, não tomou a direção esperada, e o grupo goriziano se retirou em pouco tempo, como discutiremos mais adiante.

Dentre os gorizianos, destaca-se também o nome de Agostino Pirella¹⁷. Ele passou a compor a equipe em 1965, como já dissemos, e era oriundo de Mantova. Sua história de inserção remete aos idos dos anos 50, quando conheceu Basaglia¹⁸ nos encontros da Sociedade Italiana de Psiquiatria (regional Veneto-emiliana), quando este era ainda professor da universidade de Padova. Quando Pirella soube, posteriormente, do trabalho de Basaglia em Gorizia, logo se interessou. Conheceu pessoalmente a experiência em 1963, e Basaglia lhe propôs um cargo no hospital (médico *primário*).

Pirella era então um psiquiatra que trazia uma experiência de dez anos no hospital psiquiátrico de Mantova, onde esboçou iniciativas semelhantes às preconizadas pelas comunidades terapêuticas, em 1961 e 1962, porém muito circunscritas, pois não contava com o apoio do diretor do seu hospital. Esse psiquiatra era um homem de esquerda, militando no Partido Socialista e com trânsito sindical. Interessava-se por psicanálise e acompanhava os cursos de formação do Grupo de Galli em Milano. Coincidentemente, havia feito sua formação em Parma, com o mesmo professor Visintini, que anos depois apoiaria o início do projeto de reforma de Basaglia. Segundo Pirella, Visintini era um humanista bastante liberal e crítico das perspectivas biologicistas. Pirella havia assumido o trabalho em Mantova, por não ter conseguido espaço no hospital psiquiátrico de Colorno, em Parma. Foi movido pela necessidade de iniciar uma vida profissional assalariada. Mas Pirella

¹⁷ Um breve relato autobiográfico se encontra no seu livro *Il problema psichiatrico* (1999).

¹⁸ E também Sergio Piro, que era muito questionador, segundo Pirella.

conta que sua posterior transferência para Gorizia, com família constituída e salário rebaixado, justificou-se na consciência de que estaria se integrando a um trabalho que era inovador.

Pirella se manteve integrado ao trabalho em Gorizia até pouco antes do seu desfecho. Depois disto, desenvolveu uma importante experiência em Arezzo, que se tornou, ao lado de Trieste, uma referência política para o *Movimento*, e, após a morte de Basaglia, assumiria a secretaria da Psiquiatria Democrática. Ele se tornaria um dos mais importantes intelectuais do *Movimento*, vinculando-se também ao ensino de psicologia em Torino.

Slavich e Pirella representam dois tipos de vinculação que podem nos dar certa idéia do significado da inserção no grupo que se autodefiniu como goriziano. O primeiro parte da posição de um jovem psiquiatra, em início de carreira, que é convidado por um professor para participar de um trabalho desafiante e de responsabilidade. No entanto, o trabalho se converte em uma missão que exigirá dele dedicação total e que o coloca como alvo de hostilidade crescente por parte da comunidade e da sociedade política locais, além da pressão advinda dos demais grupos profissionais que contestavam vivamente as idéias radicais da equipe que Basaglia coordenava, em que se destaca a principal entidade psiquiátrica, a Società Italiana di Psichiatria. A definição que Slavich usa ao referir-se à identidade, ao modo de operar e ao *clima* nas localidades onde trabalhou é de “guerrilheiros na floresta”, numa referência ao imaginário da guerrilha latino-americana e da ameaça presente nas condições de trabalho.

A rotina de trabalho não apenas em Gorizia, como em Parma, Ferrara e, posteriormente, Genova, será sempre pesada, marcada pela necessidade de se antecipar às represárias que poderiam vir, seja de dentro como de fora dos manicômios a serem enfrentados quixotescamente. Os laços de confiança eram fundamentais para a realização das ousadas atividades que empreendiam e que implicavam riscos concretos e uma situação de permanente militância. Os gorizianos colecionaram inimigos e agregaram processos e acusações jurídicas aos seus currículos profissionais.

Slavich nos revela também as tensões relativas à definição deste grupo, que sistematicamente eram chamados de *basaglianos*. Esta definição é evitada, na

medida em que revela nuances personalistas (referidas criticamente ao egocentrismo de Basaglia) que certamente comprometiam o trabalho do grupo e tinham um caráter aversivo. O reconhecimento profissional seria parcialmente colhido apenas em meados dos anos 70, quando ele será indicado para desenvolver um programa de saúde mental em Genova, que, na verdade, não se concretiza, dada a oposição que encontrará e a extensão do desafio que se configurava nas grandes cidades.

Ser goriziano significava uma referência espacial, geográfica, territorial, uma definição de identidade que bania todo o tecnicismo e enraizava a prática profissional, psiquiátrica, em um projeto que não se referia aos padrões normativos dominantes da psiquiatria. Ao contrário, ser um goriziano era nomear-se como oposição às normas hegemônicas. Gorizia era um território *ocupado*, que exigia uma atitude de defesa e resistência, e que não se constringia às fronteiras territoriais da cidade. Os gorizianos se projetavam como um modelo para a Itália.

As pessoas que manifestavam curiosidade em conhecer o trabalho de Gorizia eram convidadas a conhecer a experiência de modo participativo. Esta foi uma tônica em todas as iniciativas dos gorizianos ou basaglianos: incentivo ao voluntarismo e informalidade nas relações, exigindo disposição subjetiva e muita dedicação prática.

Pirella já nos indica outro padrão de inserção. Sendo um profissional já amadurecido, ele opta pela redução salarial e está ciente dos sacrifícios inerentes à sua inserção no grupo profissional de Gorizia. Ele parece se mover, no entanto, estimulado pela sua experiência política como militante do Partido Socialista (PSIUP), que certamente não foi uma variável ignorada na sua inserção no grupo goriziano. Ele deixa claro seu desejo de participar do desafio, e ingressa exatamente quando a oposição ao modelo de psiquiatria de setor já se consolidara – sendo que este outro projeto tinha já a vantagem de ter encontrado apoio entre os comunistas – quando Basaglia explicitara publicamente a intenção de destruir os manicômios italianos. O processo de ingresso passa também pelo ritual de inserção da observação participante: o teste da prática, que significava um teste de resistência e tenacidade. Algo fascinante efetivamente acontecia nesse processo de “ir e ver”,

ampla e irrestritamente ofertado, e a divulgação da experiência deve muito do seu sucesso a esta abertura.

Assim, a identidade dos gorizianos é construída, inicialmente, sob a égide da liderança de Basaglia e logo ganha contornos de uma oportunidade de expressão intelectual forte e crescentemente sintonizada com o clima cultural e político italiano. Ela é construída sob a pressão da necessidade de respostas práticas, de invenção, e sob a pressão da forte oposição que encontrava no cotidiano de trabalho e no âmbito das relações profissionais e políticas.

Porém, a inserção tinha também seu caráter seletivo. Os gorizianos recusaram os que não se comprometiam com a prática e a dedicação radical, e ocorreram dissidências importantes, como a de Jervis, que sai do grupo e torna pública a querela com a publicação de um livro *O bom reeducador*, em que se refere aos anos de trabalho em Gorizia como os mais ricos, belos e cansativos da sua vida. Segundo ele:

o clima de Gorizia era de perpétua mobilização, no limite máximo do voluntarismo, e às vezes, tinha a impressão de viver numa cidade sitiada. Basaglia exigia de seus colaboradores uma adesão incondicionada e não tolerava facilmente dissensos teóricos e de linha, que tendia a viver dramaticamente como ataques pessoais. Antes da minha chegada, o grupo de médicos entorno a Basaglia havia vivido brigas, rachas, expulsões e marginalizações; e me dei conta rapidamente de que até no grupo atual havia competições e mal humor que faziam do trabalho mais pesado. O trabalho era em si excessivo e pesado, seja como horas dedicadas como em matéria de empenho: eu tive que fazer, como médico de seção, freqüentes turnos de plantão de 24 e (nos fins de semana) 48 horas, quando estavam ausentes o diretor e os primários (médicos) (Jervis, 1977: 20).

Esse relato expressa bem o clima e o cotidiano dos gorizianos. Jervis segue, no relato, comentando que, ao longo da elaboração do livro *A instituição negada* a equipe começou a explicitar sérias divergências internas. O sucesso inesperado deste livro coincide com a crise do grupo. E, após maio de 1968, as rupturas internas se revelaram irreversíveis. Jervis chega a acusar Basaglia de autoritarismo e o grupo de sectarismo e de hostilidade em relação a todos que não eram *amigos de Gorizia*. Este conflito entre Jervis e o resto do grupo goriziano passa a ser cuidadosamente gerido pelo *Movimento*, pois sinalizava as fragilidades e descontinuidades que pulsavam sob o crivo identificatório e que poderia comprometer os projetos do grupo. Talvez muitos outros conflitos relevantes tenham sido apagados da história do *Movimento*. O campo de conflitos construído pela Luta

Antimanicomial produzia polarizações que não eram apenas exteriores à organização do *Movimento*. Eram inerentes a ele mesmo, compondo sua dinâmica ao longo do período enfocado.

3.1. Os amigos de Gorizia

Com esta expressão, Slavich se referiu àquelas numerosas pessoas que tinham laços significativos com o grupo dos gorizianos. Indiretamente, remete-nos também à polarização amigo-inimigo, que está intrínseca a esta definição de cunho identificatório. Foram inúmeras as relações de colaboração e solidariedade que emergiram, à medida que se publicizava a experiência e que seu discurso se politizava e aproximava-se do público leigo. Dois nomes devem ser destacados, pelo caráter paradigmático de sua contribuição e pela continuidade na relação.

É difícil não qualificar Franca Ongaro Basaglia, por exemplo, importante liderança do *Movimento*, como um componente do grupo goriziano. Apesar de não ser uma psiquiatra e de não estar diretamente ligada ao cotidiano de desinstitucionalização, que seria um importante critério de pertencimento, ela se vincula ao *Movimento* de diversas maneiras. Era esposa de Franco Basaglia, desde 1953 (Colucci e Di Vittorio, 2001:2). Foi por meio de sua relação com Basaglia que construiu uma inserção muito específica ao longo do tempo, sendo ainda hoje um nome fundamental para o *Movimento*. Ela se revelou¹⁹ uma intelectual da maior relevância, apesar de não ter nunca concluído o curso superior de sociologia que iniciou em 1966, na cidade de Trento, onde emergiram as lutas estudantis em 1968. Em 2001, seria homenageada pela Universidade de Sassari com a “Laurea honoris causa in Scienze Politiche”, em reconhecimento à sua produção intelectual, resultante da publicação de vários livros e artigos fundamentais para a expansão do *Movimento Antimanicomial*, especialmente ao longo dos anos 60 e 70, de própria autoria²⁰ e com Franco²¹. A ela se deve, particularmente, a divulgação na Itália do

¹⁹Entrevista n. 6, realizada em maio de 2001, em Veneza.

²⁰*Salute/malattia – le parole della medicina* (1982), *Manicômio perché* (1982), *Vita e carriera di Mario Tommasini – burocrate proprio scomodo narrate da lui medesimo* (1991), além de artigos em outros livros e periódicos.

²¹ Seriam os livros: *Che cos'è la psichiatria?* (1967), *L'istituzione negata* (1968), *Morire di classe* (1969), *La maggioranza deviante* (1971), *Crimini di pace* (1975), segundo levantamento de Giannichedda (2001) e Colucci e Di Vittorio (2001).

pensamento de Erving Goffman, em função da tradução e elaboração das apresentações de dois de seus livros²².

Essa autodidata, que abriu, concretamente, a passagem da fenomenologia à sociologia, foi uma das fundadoras da Psiquiatria Democrática. Após a morte de Basaglia, saiu em defesa da Lei 180, elegendo-se, por dois mandatos, senadora, com o apoio do PCI e da “Sinistra independente”, ou extraparlamentar. O resultado deste esforço seria a elaboração do primeiro “Progetto Obiettivo”, que viabilizava a realização daquilo que a legislação preconizava.

Outro exemplo de sintonia significativa foi o de Gian Franco Minguzzi. Médico psiquiatra, pesquisador, professor de psicologia (participou ativamente dos primeiros momentos de estruturação da Escola Bolognesa de Psicologia na década de 50). Foi o primeiro secretário nacional de Psiquiatria Democrática na Itália (sob indicação de Franco Basaglia), encargo que ocupou de 1974 a 1977.

Minguzzi escreveu vários livros, textos, artigos, pesquisas, comunicações em congressos (94 registrados na biblioteca do Centro Minguzzi) sobre psiquiatria, psicologia, reforma psiquiátrica e temas correlatos que compõem uma obra vasta e extremamente relevante.

Os temas aos quais se dedicou em sua intensa vida intelectual podem ser assim sintetizados (Tufariello, 1990): pesquisa sobre percepção, sob a ótica do experimentalismo e da Gestalt; cognição e lógica; psicologia social, com trabalhos sobre teoria de grupos (dialogando criticamente principalmente com Kurt Lewin), lideranças, dinâmica de poder, interação entre membros normais, desvio e dinâmica de exclusão; psicologia como prática de intervenção e pesquisa (além de contribuir com estudos sobre formação na área); psicoterapia, teoria e prática, com particular preocupação com o impacto das intervenções no contexto da reforma psiquiátrica; psiquiatria, temas e problemas, em que se destaca também a crítica à psiquiatria de setor e de soluções reformistas, e a opção, já indicada, pela psiquiatria democrática; e a crítica da institucionalização do poder e a burocracia.

Minguzzi foi o intelectual, universitário, mais sintonizado com o trabalho dos gorizianos²³. Mas não construiu em Gorizia laços orgânicos de trabalho.

²² *Asilums – la condizione sociale del malato di mente e di altri internati* (1968) e *Il comportamento in pubblico* (1971), além da tradução do artigo, “La carriera morale del malato di mente”, publicado e comentado no livro *Che cos’è la psichiatria* (1967).

Acompanhava, colaborava, divulgava e apoiava o que era ali realizado, tendo sido fundamental tanto para a primeira divulgação da psiquiatria de setor na Itália como para a superação desta proposta, já em sintonia com os gorizianos. Ele colabora também como mediador entre os gorizianos, o mundo acadêmico e o PCI, especialmente em Parma, e, posteriormente, apóia o trabalho realizado em Trieste, como professor também nesta localidade.

3.2. Vozes de Gorizia

Os gorizianos e seus amigos recorreram, em sua luta, a diversos mecanismos de divulgação das idéias do *Movimento*. A publicação mais importante do primeiro momento de constituição da rede e do movimento social foi, como já indicamos, o livro *A instituição negada*. No entanto, destacamos também a participação dos gorizianos em um periódico chamado *Assistenza Psichiatrica e Vita Sociale*, de caráter mais político-corporativo que científico.

Nas décadas de 60 e 70, constata-se um significativo “imobilismo das publicações científicas periódicas, em confronto com uma vivaz mobilidade e ‘progressismo’ da atividade editorial” (Piro, 1988:143). Um exemplo deste “progressismo” seria, então, a publicação do livro *L’istituzione negata* (em 1968), de grande impacto, não apenas na área psiquiátrica, como uma referência no discurso de crítica das instituições italianas: “livro-símbolo da contestação italiana” (Colucci e Di Vittorio, 2001:3).

Comentaremos primeiro o livro, que ficou tão conhecido entre os movimentos sociais italianos, para, em seguida, falar um pouco sobre o conteúdo das revistas, sustentando serem elas um espaço de problematização e divulgação do discurso crítico sobre as instituições psiquiátricas e de divulgação do *Movimento* ao longo do seu processo de estruturação e institucionalização.

3.2.1. *A instituição negada*

O livro *L’istituzione negata* consiste de uma coletânea de artigos de Franco Basaglia e sua equipe sobre o trabalho e reflexões construídos em Gorizia ao longo

²³ Outros nomes relevantes seriam o do prof. Visintini (que deu a Basaglia a vaga da disciplina de higiene mental em Parma e apoiou, ali, o seu trabalho em sintonia com Minguzzi) e Hrayr Terzian, professor da clínica neurológica em Verona e amigo pessoal de Basaglia.

da transformação do manicômio em uma comunidade terapêutica e, posteriormente, o esforço de *abertura* desta comunidade numa perspectiva de possibilitar uma real reinserção social dos doentes mentais no espaço urbano que, tradicionalmente, os excluía.

A publicação de *A instituição negada* revela, segundo Tranchina, a convergência entre a luta pela saúde conduzida pelo movimento operário, sindicatos, partidos de esquerda e estudantes. Os psiquiatras de gorizianos contestavam a universidade e afirmavam-se como técnicos “que tinham feito uma escolha de classe” que era não-elitista (Tranchina, 1991:256).

Efetivamente, o livro opera com um discurso marxista e contestador das instituições, não apenas as psiquiátricas. Basaglia e os outros autores falam sem reservas da violência da escola, da fábrica, dos hospitais, da família, enfocando o técnico como um reproduzidor desta violência:

O questionamento do sistema institucional transcende a esfera psiquiátrica e atinge as estruturas sociais que o sustentam, levando-nos a uma crítica da neutralidade científica – que atua como sustentáculo dos valores dominantes –, para depois se tornar crítica e ação política (Basaglia, 1985:9).

Essa leitura teria impactado, como enfatizam as entrevistas, as lutas no campo da educação (contra o autoritarismo universitário, a segregação, as classes especiais, as instituições para menores, etc.) em um período que ficou conhecido como “a marcha” contra as instituições italianas.

O livro foi lançado em 1968, quando os gorizianos já haviam amadurecido o seu projeto e haviam publicado, seis meses antes, o já mencionado *Cos'è la psichiatria* (Basaglia, 1997), que teve menor impacto e difusão.

Até então, o trabalho em Gorizia havia sido divulgado em eventos profissionais e pela revista *Assistenza Psichiatrica e Vita Sociale*, ligada ao CEMEA.

Na apresentação de *A instituição negada*, Basaglia (contando com a colaboração de Franca) se refere ao discurso do grupo e do livro como antiinstitucional e antiespecialístico. A “despsiquiatrização” da psiquiatria foi definida por Basaglia da seguinte forma:

é, até certo ponto o nosso *leitmotiv*. É a tentativa de colocar entre parênteses todos os esquemas, para ter a possibilidade de agir em um território ainda não codificado ou definido. Para começar, torna-se necessário negar tudo o que está à nossa volta: a doença, o nosso mandato social, a nossa função (Basaglia, 1985:29).

O livro apresenta discussões sobre os dilemas cotidianos do trabalho que estavam realizando em Gorizia. Mostra que havia contrastes na equipe com relação ao rumo do processo de desinstitucionalização. As contradições e dificuldades do trabalho não são escamoteadas no livro: “Viver dialeticamente as contradições do real é, assim, o aspecto terapêutico de nosso trabalho” (Basaglia, 1985:118). As tensões propositalmente explicitadas e sintonizadas com um discurso de esquerda, evidenciam a extraordinária transformação do manicômio em um espaço *democrático* que comportava fóruns de debate e decisão sobre os mais diversos assuntos e que colocava em situação de igualdade psiquiatras, psicólogos, enfermeiros e os doentes mentais com os mais diversos diagnósticos: a liberdade se convertera em instrumento terapêutico e de gestão hospitalar. Para tanto,

se faz necessária uma psiquiatria que deseje passar constantemente pela prova da realidade e que somente na realidade encontre os elementos de contestação para contestar-se a si própria [...]. Mas para lutar contra os resultados de uma ciência ideológica também é necessário lutar para mudar o sistema que a sustenta (Basaglia, 1985:124).

Um dos debates internos entre Basaglia, Slavich, Jervis e Pirella sobre a abertura dos últimos pavilhões do hospital é, na nossa opinião, particularmente interessante no que concerne ao clima e ao modo de tomada de decisões, expressa na polêmica que se segue. Basaglia afirma:

Acho que, em nosso trabalho deve sempre haver uma certa dose de veleidade – quanto a isto não há dúvida. Se analisarmos demais as conseqüências de tudo o que fizermos, acabaremos por não fazer absolutamente nada, pois teremos medo de nossos atos. [...] No começo todo mundo aqui no hospital dizia: ‘Ora, eles, os médicos, sabem muito bem o que estão planejando fazer aqui!’ E, na verdade, nós não sabíamos absolutamente nada sobre o que faríamos no dia seguinte (Basaglia, 1985:224,225).

E Slavich responde que não. Tinham uma visão de curto prazo: “Agíamos às apalpadelas” (Basaglia, 1985:225). Revela-se, então, a dimensão de improviso e de reinvenção, que será característica desse processo de negação institucional, que, antes de tudo, envolvia riscos e ousadia. É essa a ressalva de Slavich. Eles sabiam o que faziam, mesmo que lhes faltasse clareza e não estivessem seguros da extensão das conseqüências de suas escolhas. São os limites da prática responsável que são colocados em questão. Ao negar a racionalidade psiquiátrica, surge o problema de orientação da ação, que, como vimos, vai buscar em outras searas o fôlego para a sua sustentação ética e normativa, e deve a todo custo

afrontar os desafios da desconstrução do seu sistema simbólico de referência. O esforço de compatibilização do projeto e realidade é muito grande.

Mais adiante, Jervis ressalva, criticamente, revelando as contradições internas ao grupo de gorizianos, que “O perigo de uma vanguarda minoritária de estilo guerrilheiro é fuzilar os possíveis companheiros de estrada. Assim, quem não marcha com o nosso passo não só fica de fora como também é um inimigo” (Basaglia, 1985:229). Ele percebia o risco do sectarismo, ou do dogmatismo, tão amplamente sinalizado, posteriormente, pelos teóricos dos movimentos sociais.

Os internos tinham também o recurso de publicizar suas idéias e queixas por meio das assembléias e do jornal mensal *Il Picchio* (O Bico), que era dirigido por Furio, um paciente que tinha uma posição de liderança entre os outros internos. No processo de tratamento, a dimensão expressiva se torna fundamental, já que não se tratava de integrar o paciente à lógica institucional, submetendo-o à vontade do “carcereiro”: “o sentido do papel e do *self-making* do doente deve ser procurado na contestação, e não na integração” (Basaglia, 1985:130). A atitude técnica orienta-se pela construção de uma sintonia identificatória com os pacientes: ambos eram objeto de exploração e opressão social.

A instituição negada é um livro repleto de citações retiradas das assembléias da experiência de comunidade terapêutica de pacientes e profissionais. Fala-se claramente da necessidade de construção de uma aliança entre o paciente e o *staff*, sugerindo uma aliança entre classes sociais, em oposição ao reconhecimento de que o “perfeccionismo técnico especialístico” convida a atribuir uma inferioridade social na figura daquele que foi excluído.

No que concerne à especificidade profissional, Basaglia sintetiza dizendo que buscavam um papel dinâmico que não sabiam ao certo qual seria.

Há vinte e cinco anos me formei em medicina e só compreendi o que tinha a fazer quando vim trabalhar aqui [em Gorizia]. Mas será que este é um trabalho médico? Não tenho a menor idéia do que seja um trabalho ‘de médico’, ou ‘de psiquiatra’, numa instituição (Basaglia, 1985:230).

Fica evidente o ambiente crítico e de incerteza quanto à trajetória construída. Em um outro artigo do livro, “As instituições da violência”, Basaglia afirma que:

A negação de um sistema é a resultante de uma desestruturação, de um questionamento do campo de ação em que agimos. É o caso da crise do sistema psiquiátrico enquanto sistema científico e enquanto sistema institucional: desde

que nos conscientizamos do significado desse campo específico, particular, em que atuamos, ele vem sendo desestruturado e questionado (Basaglia, 1985:103).

É como se o psiquiatra, ao tomar consciência do impacto social e político de seu trabalho, invertesse propositalmente as colocações do estrutural funcionalismo. Ele identifica a necessidade de reinventar seu campo de referências normativas transformando uma relação institucional na qual o paciente, enquanto expectativa de papel, não tem nenhum poder contratual, onde não existe nenhuma reciprocidade, em uma relação com possibilidades emancipatórias para ambos os atores: “se o primeiro momento desta ação de transformação pode ser emocional, no sentido em que se recusa a considerar o doente mental um *não homem*, o segundo só pode ser a tomada de consciência de seu caráter político” (Basaglia, 1985:113).

Basaglia sugere uma atitude de rechaço a um poder técnico que expressa um mandato social controlador e repressivo. A negação do mandato social implicava, segundo o artigo de Pirella, “A negação do hospital psiquiátrico tradicional”, que compõe a coletânea, na negação da detenção e da violência.

No artigo “O problema da gestão”, Franco Basaglia diz que:

Nosso problema é se, no interior de uma instituição, é possível, além de romper a barreira institucional, questionar o próprio limite da norma, através do rechaço de uma ciência [...]. Trata-se de um impasse teórico e prático ao mesmo tempo, que nada tem a ver com as dissertações científicas a que nos habituamos: para nós, trata-se de compreender de que maneira uma ação antiinstitucional pode concretamente incidir sobre as estruturas; se pode de fato, ou se essa tentativa de incidir sobre a estrutura através da negação ou da transformação da instituição não é mais do que uma nova utopia, que se há de transmutar em nova ideologia, com a função de permitir que suportemos o tipo de vida que somos obrigados a viver (Basaglia, 1985:319).

Segundo Agostino Pirella, foi depois de *A instituição negada* que o PCI (com o apoio de Giovanni Berlinguer e, sobretudo, de Sergio Scarpa, que era responsável pela área temática da saúde no partido) começou a interessar-se pelos gorizianos. Deste interesse resultou o *Convegno* do Istituto Gramsci, “Psicologia, psiquiatria e rapporti di potere”, de 1969, que já comentamos.

A instituição negada é um documento que inverte por completo a leitura que Parsons faz da relação médico-paciente. Uma inversão consciente da função de integração que é submetida à crítica e exposta ao debate. O resultado almejado era, paradoxalmente, *nenhuma* psiquiatria e, ao mesmo tempo, a construção de um modelo alternativo de psiquiatria que, anos depois, se traduziria no formato da

Psiquiatria Democrática. O livro revela, no nosso ponto de vista, o momento de publicização do rompimento, ou a quebra dos limites do sistema, que já fora anunciado nos eventos realizados, em 1964, em Londres e Bologna.

3.2.2. Assistência psiquiátrica e vida social

A revista *Assistenza Psichiatrica e Vita Sociale* foi uma publicação com um formato específico e relevante. Surgiu em 1965, em Firenze. Destinava-se, inicialmente, a enfermeiros dos hospitais psiquiátricos italianos e que se inspirava na revista francesa *Vie Sociale et Traitements*, organizada pela Federazione Internazionale dei Centres d'Entraînement aux Méthodes d'Éducation Active, CEMEA.

A *Assistenza Psichiatrica e Vita Sociale* era dirigida por uma equipe composta por médicos, muitos deles vinculados à AMOPI, e enfermeiros e educadores vinculados ao CEMEA. Segundo Mário Nistri, a maior parte desta equipe estava, em 1965, de alguma forma conectada com o hospital psiquiátrico de Firenze (Nistri, 1965:21). Lembremo-nos de que o CEMEA era uma associação que ofertava estágios ou cursos inovadores e tematicamente diversificados, voltados para enfermeiros de hospitais psiquiátricos. Oferecia, por exemplo, cursos de fotografia, trabalhos manuais, canto, danças populares, biblioteca, etc. Não tinha, portanto, uma perspectiva eminentemente de crítica institucional, mas cultural.

A revista tratava de temas variados, como artigos de formação geral e técnica, relatos de experiências sobre terapia psiquiátrica e a prática dos enfermeiros, informações sobre problemas legislativos, administrativos e sindicais, divulgação de iniciativas de formação e aperfeiçoamento, resenhas de publicações italianas e estrangeiras, propostas e sugestões (na forma de “tribuna livre”).

Destacavam-se em sua pauta, nas primeiras edições mensais, as experiências de psiquiatria de setor, coerentemente à proposta do CEMEA²⁴, a discussão crítica sobre a legislação psiquiátrica italiana e a discussão de novas propostas, em consonância com a pauta da época. No entanto, no artigo intitulado “Ricordando la resistenza: una legge incostituzionale” (1965), o juiz Gian Paolo Meucci já criticava a legislação psiquiátrica italiana em vigência, definindo-a como

²⁴ Ver capítulo IV, item 3.

inconstitucional, na medida em que feria os artigos 2º,3º e 32 da Constituição italiana ao identificar o doente com o delinqüente (o problema da atribuição de periculosidade da doença mental). Além disto, abordava questões sindicais e os encontros e cursos promovidos pelo CEMEA e AMOPI. Recordemo-nos que a AMOPI, nesse momento, denunciava a situação da assistência psiquiátrica e contestava a legislação de 1904, em vigor.

A revista tendeu a radicalizar suas posições. Isto se deu na passagem de 1965 para 1966, quando ocorreram modificações na comissão editorial, com a entrada de Franco Basaglia, Paolo Meucci (juiz), Arnaldo Bronzoni (enfermeiro), Alberto L'Abate (sociólogo) e Carlo Tommasi (psiquiatra). A publicação que resultava deste grupo multidisciplinar ampliado informava, por exemplo, sobre encontro do CEMEA ocorrido em Gorizia²⁵ e trazia artigo do então ministro da saúde Luigi Mariotti sobre a sua proposta de reforma da legislação psiquiátrica italiana (Projeto de Lei apresentado ao Governo Moro, em julho de 1965), que, dentre outras inovações, introduzia a psicologia na assistência psiquiátrica hospitalar, formava equipes e abolia o registro policial da internação. Apresentava-se a proposta alternativa que seria a legislação complementar de 1968, já comentada. Neste artigo, o ministro da saúde reclama da oposição da Federazione Nazionale degli Ordini dei Médici e da Società Italiana di Psichiatria, e faz referência à publicação do *Libro bianco sulla riforma ospedaliera* (Giannelli e Raponi, 1965), suplemento do Noticiário dell'Amministrazione Sanitaria, que informava sobre o movimento de protesto e reivindicações dos médicos italianos que trabalhavam em hospitais no início dos anos 60 e criticava duramente o modelo assistencial vigente (Mariotti, 1966:5-6).

A revista passa a divulgar também relatos sobre experiências extra-hospitalares ou alternativas (como o Club Antonin Artaud, em Bruxelas, na Bélgica, e a Villa Olímpia, em Bologna, Itália) e o surgimento de associações de apoio aos doentes mentais (como a Associazione per la lotta contro le malattie mentali).

²⁵ Nos dias 26 e 27 de março de 1966, quando foram ofertados cursos para enfermeiros, assistentes sociais e médicos.

Em 1967, a edição número 5 da revista foi monográfica. Trazia o debate entre o grupo Goriziano de Basaglia e o de Varese²⁶, capitaneado por Edoardo Balduzzi, diretor do hospital psiquiátrico. Este teria sido o segundo debate entre estas equipes. O primeiro teria ocorrido em Varese no ano de 1966 e um terceiro viria a acontecer, no final de 1967, na mesma cidade, concluindo um ciclo de encontros que confrontava as duas direções de trabalho. Este debate foi apresentado sob o título “Il ruolo del malato nell’istituzione psichiatrica”, ou “o papel do doente na instituição psiquiátrica”. Seu conteúdo se referia à realidade da vida do doente mental nos hospitais e foi apresentado como expressão de novidade temática e metodológica. Efetivamente, o que estava em questão eram os modelos desenvolvidos nas duas localidades, visto que em Varese a referência era a de “psiquiatria de setor” e em Gorizia, a “comunidade terapêutica” e a proposta de desmantelamento dos hospitais psiquiátricos e negação do poder médico. O número seguinte anunciava o lançamento do livro *Che cos’è la psichiatria?*, coletânea de artigos (incluindo a tradução de um de Erving Goffman) e o registro dos debates realizados no hospital psiquiátrico de Colorno (Parma) organizados por Mario Tommasini.

Ao final do terceiro ano da revista (1967) até o quarto, ocorrem novas mudanças no comitê editorial, com a entrada de outros componentes do grupo goriziano ou basagliano, destacadamente: Giovanni Jervis, Vieri Marzi, Agostino Pirella e Gianfranco Minguzzi (*amigo* de Gorizia). No quarto ano da revista (1968), Basaglia e Marzi passam a compor a equipe de direção. Neste ano, a revista anunciou a aprovação da nova legislação psiquiátrica, a chamada *Legge Stralcio*, ou Lei Mariotti, aprovada em 7 de março de 1968, e anunciava o Colloquio internazionale em Courchevel (Lione, França), que discutiria as políticas de setorização e a metodologia de psicoterapia institucional, onde mais uma vez estariam presentes as equipes de Varese (com Balduzzi) e de Gorizia, e havia a promessa de uma discussão *livre* sobre os temas. Anuncia-se também o lançamento do livro *L’istituzione negata*, sobre o trabalho desenvolvido em Gorizia.

Em 1969, a revista anuncia o II Colloquio Ítalo-franco-canadense de psiquiatria, em Firenze, Itália, que daria prosseguimento à polêmica entre os grupos de Varese e Gorizia na acirrada disputa sobre a resposta mais adequada aos

²⁶ Ernesto Gaburri, Milton Monteverde, Giovanni Pieralisi e Paolo Saccani.

problemas relativos ao campo da assistência psiquiátrica. Em artigo, intitulado “Três dias sem liturgia”, Roger Gentis (1969) comentou este encontro, destacando seu caráter polêmico e o fato de que pela primeira vez a população de Firenze²⁷, *havia participado de um congresso* de psiquiatria, por meio de protestos e eventos paralelos. Além disto, registrava o afastamento de Basaglia da direção do hospital de Gorizia e as perdas (demissões) na equipe de Balduzzi em Varese. Ou seja, as duas posições, em disputa, perdem igualmente espaço para a psiquiatria tradicional italiana, numa ameaça de retrocesso. Este número da revista explicita uma polarização e acirramento de posições que, imaginamos, era também inerente ao grupo que dava sustentação a esta revista. Talvez seja este o motivo por que ela tenha deixado de ser editada a partir de 1970. Seu último número data de setembro de 1969, no alge da emergência dos movimentos de protesto na Itália. Seu editorial fala de limitações operacionais, mas deixa registrada as possibilidades de ou a revista ter apresentado um discurso revelador, e por isto mesmo ter sido rejeitada ou mal tolerada, ou ter desenvolvido um discurso incorreto, e neste caso ter sido desprezada pelos seus leitores.

A revista encerra suas atividades criticando a reforma psiquiátrica em curso e colocando a dúvida: passados os cinco anos de vida da publicação, seria a assistência psiquiátrica italiana melhor ou pior que a anterior?

A leitura destes cinco anos de publicação dessa revista que abordava questões relevantes para as cidades de Firenze, Varese, Gorizia, Genova, Padova, Imola e Bologna nos leva a destacar alguns momentos e acontecimentos relevantes:

- a reforma psiquiátrica de Mariotti;
- os encontros entre equipes que polarizavam projetos (Varese e Gorizia);
- a interlocução com a psiquiatria francesa; e
- a autonomização das posições de Basaglia e seu grupo.

A partir dos anos 70, a publicação que divulgaria as idéias do *Movimento Antimanicomial* seria a *Fogli di Informazione*. As sintonias que sustentavam o grupo editorial da *Assistenza Psichiatrica e Vita Sociale* se dissiparam, talvez em função da ocupação do espaço editorial pelos gorizianos, com a sua polarização em relação à psiquiatria de setor; ou de conflitos entre as categorias profissionais de psiquiatras e

²⁷ Comunidade do Quartiere dell’Isolotto.

enfermeiros, que se radicalizaram no caso de Parma. Aqui poderíamos nos deter em hipóteses sobre o confronto com a ciência normal e as disputas de paradigma, tal como discutidos em Kuhn (1987). Mas o que estava acontecendo já ultrapassara os limites não apenas das instituições psiquiátrica, como das instituições de ensino e do campo científico mesmo. Neste ínterim, os gorizianos já haviam conquistado outros contornos identificatórios, que lhes conferiram a possibilidade de autonomia, trânsito e reconhecimento, mediante suas estratégias de publicização, com os movimentos de protesto, e de negociação com as administrações de várias cidades e com o PCI.

4. Outras interações: barricadas e fronteiras do Movimento

Ao focar esses casos, outros personagens se afirmam, mais além da definição dos “amigos de Gorizia”, compondo regiões de fronteira do *Movimento*, do ponto de vista de sua identidade, antes do surgimento da Psiquiatria Democrática.

Em artigo sobre o processo de reforma e o fim dos manicômios na Itália, Bassi (1999) coloca algumas das mais importantes experiências alternativas – Gorizia, Perugia e Arezzo – em um mesmo plano, dizendo ainda que “nestas experimentações bem-sucedidas, grupos de profissionais com vontade de inovação encontram resposta e consenso em um clima político e administrativo local convergente e sintônico” (Bassi, 1991:116). Do nosso ponto de vista, é necessário distinguir estas experiências, e assim poder qualificar as discontinuidades entre elas, diante do desafio compreensivo da expansão do *Movimento Antimanicomial*. Como já vimos, Gorizia não pode ser considerada, precisamente, como uma experiência bem-sucedida. Arezzo, por sua vez, seria um desdobramento, expansivo, do movimento, mais especificamente dos gorizianos. Já Perugia tem raízes e atores muito distintos das duas outras experiências. Do ponto de vista político, podemos afirmar que Gorizia não foi bem-sucedida justamente porque operava em um clima político e administrativo local divergente e altamente conflitivo. As localidades, municípios, que já tinham uma expressiva tradição antifascista e de esquerda optavam, muitas vezes, por processos menos radicais, atentos à construção de negociações de interesses. A Emilia Romagna, expressão deste paradigma, incorpora paulatinamente como referência o modelo defendido por Basaglia, mas opta pela ênfase na construção de estruturas territoriais e numa

desmontagem *menos traumática* dos hospitais psiquiátricos, como ocorrido em Perugia.

4.1. A escola “*rossa*” de Perugia

Perugia²⁸, localidade da região da Umbria, desde 1965, estruturou um projeto de transformação da assistência psiquiátrica com forte sintonia com o Partido Comunista Italiano – principal partido na localidade –, que controlava a administração local, na qual se destaca Ilvano Rasimelli (presidente da “giunta provinciale”) e Alfredo Ciarabelli (secretário de psiquiatria ou “assessore alla psichiatria”), que sustentavam um processo de racionalização urbana ou local (Micheli, 1982:16). O trabalho ali iniciado, por iniciativa da administração local, foi realizado especialmente pela atuação do psiquiatra Carlo Manuali e de um grupo do hospital psiquiátrico local (dentre eles, o já citado psiquiatra Ferruccio Giacanelli).

O trabalho alternativo teve início com a constituição de uma comunidade terapêutica no manicômio local, analogamente ao modelo goriziano, e de um centro social, com vistas a um progressivo esvaziamento da estrutura asilar. A política consistia em afrontar o manicômio “de fora”, evitando, antes de tudo, novas internações (Colucci e Di Vittorio, 2001:239). Contrastava, pois, com o modelo goriziano, que defendia o ataque direto ao manicômio, com sua conseqüente desmontagem.

Foi em Perugia que se estruturaram, pela primeira vez na Itália, os serviços *territoriais* chamados “Centri di igiene mentale” (CIM), que seriam referência para a legislação de 1968 e para o projeto de assistência territorial posterior (Colucci e Di Vittorio, 2001:238). Por território entenda-se o espaço social, e não exatamente o espaço geográfico. Isto quer dizer que o termo contempla uma perspectiva comunitária – sua cultura, recursos e instituições –, que deveria ser compreendida na articulação com os serviços sanitários.

Os psiquiatras que tomaram as iniciativas e formaram a “escola” de Perugia contavam com o total apoio da administração local de esquerda (comunista) e com relativa receptividade por parte da população local, que, segundo consta, contava

²⁸É extensa a literatura produzida sobre a psiquiatria alternativa em Perugia. Considerando apenas o período que estamos tratando, de 1961 a 1979, somam-se mais de 140 títulos listados em levantamento bibliográfico realizado por P. Guarnieri (1995).

ainda com a vitalidade e a solidariedade das regiões rurais italianas. Mas essa potencialidade foi estimulada por todo um trabalho de convencimento ou sensibilização da população para a situação de marginalização e desfavorecimento dos doentes mentais, que ocorria nas assembléias populares. O projeto nesta região criou uma rede de assistência difusa (Manacorda e Montella, 1977), com ambulatórios ou centros de higiene mental, que, em 1971, somavam um total de dez unidades, que cobriam todo o território da província, ofertando, inclusive, a possibilidade de internação de curto prazo. Outra característica interessante do trabalho desenvolvido nesta localidade era a sintonia entre os serviços de saúde mental e os serviços de saúde como um todo. Preconizavam-se esforços no sentido da prevenção diante de situações de potencial efeito de exclusão social. E, assim, objetivava-se, progressivamente, esvaziar o manicômio local, reintegrando os ex-internos em núcleos familiares e moradias especiais. Efetivamente, no período de 1965 a 1979 várias unidades do manicômio haviam sido fechadas e convertidas em outros serviços, como casa de repouso para idosos, instituto de formação técnico-industrial, centro de medicina preventiva e escola para enfermeiros (Venturini, 1979:194).

4.2. Os partidários do modelo francês de psiquiatria de setor

O psiquiatra Edoardo Balduzzi é o principal nome nesta vertente. A psiquiatria de setor teve significativo impacto na Itália, sendo experimentada em cidades como *Bologna*, Padova, Pesaro, Portogruaro, L'Aquila (Bassi, 1999:120), Firenze, Pescara, Milano, Pavia, Mantova, Trento, Vercelli, Pisa, Siena e *Torino* (Colucci e Di Vittorio, 2001:237).

Diga-se, de passagem, que seria interessante investigar as datas quando se esboçam estas experiências para confrontar sua geografia com a do *Movimento Antimanicomial*. Bologna certamente foi disputada pelos dois modelos, sendo Basaglia finalmente rejeitado no final dos anos 60. Milano e Torino serão alvo de projetos da PD em 1978/9, e para lá seguiram as principais lideranças de então: Antonio Slavich e Agostino Pirella.

Balduzzi inicia em 1964, em Varese, um trabalho que se inspirava então na psiquiatria de setor francesa. Nesta ocasião, participava ativamente da AMOPI,

lutando pela reforma da assistência psiquiátrica, e é nesta perspectiva que introduz na Itália o debate sobre o modelo francês. Este modelo preconiza, como já comentamos, uma alternativa aos manicômios por meio de serviços externos, ou extramuros, sendo fortemente debatido, especialmente pelos gorizianos, que tinham uma estreita relação com esse psiquiatra.

Balduzzi atribuiu a principal oposição ao desenvolvimento da setorização em Varese à resistência dos enfermeiros do PCI (Colucci e Di Vittorio, 2001:238).

O que contrapõe o nome de Balduzzi e sua perspectiva de trabalho ao grupo goriziano é o fato de ele não se sintonizar com a perspectiva de fim dos manicômios, senão com sua adequação e humanização.

4.3. A resistência meridional

Nocera Superiore, na região de Campania, abrigou, mesmo que de forma breve (1968-1969), uma importante iniciativa capitaneada pelo psiquiatra Sergio Piro. A história deste psiquiatra também passa pelo alijamento diante do espaço acadêmico. Ele foi marginalizado, apesar de sua produção científica, na medida em que representava um discurso discrepante na universidade (Piro, 1988:111).

A crise em Nocera Superiore foi desencadeada por um movimento grevista dos enfermeiros, que encontrou apoio em Piro, que era diretor da instituição desde 1959. Tratava-se, e este é um diferencial relevante, de uma iniciativa que se dava em um hospital psiquiátrico privado (Mater Domini), o qual desencadeou um processo de reforma de grande repercussão na época (contando inclusive com o apoio dos gorizianos). Por esta via, Piro conquista a possibilidade de contratar novos profissionais para sua equipe (psicólogos, médicos, assistentes sociais, sociólogo, etc.), contando também com o apoio do movimento estudantil e de um grupo de voluntários (estudantes, artistas, etc.). Assim, inicia-se uma experiência de comunidade terapêutica em um dos pavilhões do hospital (“Irpinia”).

Porém, foi grande a pressão externa pelo fim da experiência, oriunda, especialmente da psiquiatria universitária, de médicos e enfermeiros de direita, e de funcionários. Piro foi demitido em 1969, mas em 1973 o manicômio foi transformado em entidade pública, mesmo que obedecendo aos padrões tradicionais (Manacorda e Montella, 1977).

Essa experiência será significativa para os trabalhos que esse psiquiatra realizará posteriormente nos hospitais Bianchi e Frullone em Napoli (Colucci e Di Vittorio, 2001).

5. A constituição do campo de conflito

O que as *outras escolas ou barricadas* citadas – Perugia, Varese, Nocera Superiore – revelam é a extensão da crítica à assistência psiquiátrica na Itália nos anos 60. Num certo sentido, poderíamos dizer que estariam disponíveis e em disputa várias matrizes de pensamento crítico que poderiam sustentar as expectativas de reorientação ou reforma no plano técnico. Todas estas matrizes encontrarão espaço, como veremos mais adiante, na Psiquiatria Democrática, que representará, antes que uma referência identificatória, um modo de organização e de articulação entre as várias tendências, que terá um impacto convergente por um certo tempo. Mas aqui o que nos interessa é ressaltar ou enfatizar o caráter polifônico e descontínuo da rede que vai sendo construída e, mesmo, o caráter não monológico das identidades que vão se constituindo sob a égide do *Movimento Antimanicomial*.

Podemos entrever várias definições que ultrapassam nitidamente o caráter possivelmente técnico de uma corporação de profissionais articulados por interesses de legitimação ou conquista de recursos públicos. Os basaglianos, os gorizianos, os “amigos de Gorizia”, os perugianos, os meridionais e a equipe de Balduzzi expressam diversos tipos de pertencimento no *Movimento* e têm em comum, provavelmente, alguns inimigos, e não os mesmos projetos profissionais. O que os sintoniza no campo de conflito é o seu caráter de oposição ao modelo assistencial dominante e tradicional. A composição da identidade do *Movimento* passa por profundas diferenças também concernentes à profundidade da crítica com relação ao papel dos psiquiatras na sociedade italiana, variando desde a mais radical negação, inerente à experiência de Gorizia, até uma posição moderada, porém reformista e sintonizada com uma suposta vanguarda técnica francesa, expressa na posição de Balduzzi. As tensões internas e externas, uma vez reveladas, ajudam a compreender os avanços e retrocessos do *Movimento* no que entendemos como um tumultuado processo de institucionalização, que não marca o seu fim, mas seu

enraizamento na sociedade e nas políticas públicas como conquistas coletivas irreversíveis, mesmo onde fracassaram alguns projetos parciais.

Esses conflitos externos e internos ganham maior visibilidade ao enfocarmos os encontros profissionais da categoria (psiquiatras), que, ao longo dos anos 60, tomam a forma de fóruns de debate setoriais e, progressivamente, públicos.

5.1. A emergência do debate e dos conflitos: encontros profissionais

os congressos e seminários de psiquiatria foram espaços importantes para a constituição do campo de conflito e do próprio *Movimento Antimanicomial*. Entre 1962 e 1968, este tipo de encontro profissional era a principal forma de difusão da experiência goriziana, assim como das outras linhas de trabalho desenvolvidas, também alternativamente, como a psiquiatria de setor. Estes encontros tenderam à incorporação de públicos leigos e à politização das discussões, sempre muito polarizadas e intensas. Em anexo, apresentamos um levantamento dos eventos ocorridos nas décadas de 60 e 70 dos quais participaram os gorizianos e os integrantes da Psiquiatria Democrática.

Os encontros nacionais ocorridos nos anos 60, dos quais participaram os gorizianos foram promovidos pela Società Italiana di Psichiatria, pela AMOPI e pelo Grupo Milanês de Psicoterapia. A Sociedade Italiana de Psiquiatria era uma associação científica bastante conservadora. A AMOPI, por sua vez, era uma entidade de caráter corporativo que vocalizava demandas advindas dos psiquiatras e projetos assistenciais, com destaque para a defesa do modelo francês da psiquiatria de setor. Já o Grupo Milanês era um espaço essencialmente reflexivo e expressivo de grande importância para o esboço daquela que será a psiquiatria alternativa italiana.

Os eventos dos anos 60 mais citados em entrevistas²⁹ ocorreram em Roma (3), Napoli (1), Bologna (2), Varese (2), Padova (1), Pisa (1), Piacenza (1), Vercelli (2), Milano (1) e Firenze (1). Os assuntos mais relevantes no período foram, do ponto de vista técnico, a crítica à prática e à teoria psiquiátricas e à proposição da prática psicoterapêutica; do ponto de vista político, a tensão entre os modelos de referência internacionais da psiquiatria de setor e da comunidade terapêutica, na

²⁹ Vide anexo 1.

intenção de se desenhar uma nova legislação e uma perspectiva política para área aplicável como modelo para toda a Itália, numa clara disputa por hegemonia no âmbito das políticas públicas.

Deste conjunto de eventos, alguns devem ser destacados. O primeiro destaque seria para um seminário realizado em Roma, 1963, por ocasião da celebração dos 50 anos do Ospedale Psichiatrico Santa Maria della Pietà. Segundo o relato de Giacanelli, este foi um evento não convencional, pois reuniu vários tipos de intelectuais: filósofos, lingüistas, sociólogos e antropólogos. Intitulava “Psiquiatria e o problema do espírito no clima cultural moderno”. Basaglia participou com um trabalho³⁰, de inspiração sartreana, que colocava a subjetividade no centro da discussão, “o que foi, naquele momento, muito revolucionário”. Giacanelli recorda também a participação de Henry Ey, que “afirmava ter sido a psiquiatria construída em torno do medo da loucura, sendo que, atualmente, era o louco que tinha medo da psiquiatria”. Este evento teria, pois, inaugurado a pauta de discussão dos anos 60.

No mesmo ano de 1963, a equipe de Gorizia também participou de eventos como o XXVIII Congresso da Sociedade Italiana de Psiquiatria, que discutiu a prática neuropsiquiátrica, no qual os primeiros colaboradores de Basaglia, Slavich, Bombonato e Tesi, operavam com o conceito de institucionalização³¹, que, como sabemos orientará o *Movimento de Luta Antimanicomial*.

Nos anos de 1964 e 1965, no seminário de “Sanità mentale ed assistenza psichiatrica”, em Roma, e no de “Realizzazioni e prospettive in tema di organizzazione unitária dei servizi psichiatrici”, em Varese, o grupo de Gorizia já havia consolidado uma profunda reorientação no âmbito da prática e teoria psiquiátrica. Os trabalhos apresentados já fazem referência a uma interpretação que enfoca o tema da liberdade e do poder nas relações entre psiquiatra e doente mental. Basaglia cita Foucault, Burton e Goffman, dentre outros teóricos que lançam um olhar crítico sobre a instituição psiquiátrica, e também um paciente, para não deixar dúvidas sobre o ponto de vista que introduzia: “Podem fazer um hospital de

³⁰ Intitulado: “Ansia e malafede: la condizione umana del nevrotico” (Basaglia, 1981).

³¹ O título era “A proposito degli aspetti terminali della schizofrenia: la sovrapposizione organica e la istituzionalizzazione”. O grupo de Gorizia teria participado também do II Coloquio internazionale sulle espressioni plastiche e dos eventos promovidos pelo Grupo Milanês.

ouro, nós permaneceremos inimigos: o senhor será o são e eu, o doente” (Basaglia, 1981:239).

Mas os eventos internacionais são também relevantes. Destacam-se aqui, na década de 60, dentre outros, o Congresso internacional de psiquiatria social, em 1964 (Basaglia e Tranchina, 1979), e, mais adiante, em 1967, o congresso “Dialética della libertazione”, ambos ocorridos em Londres, Inglaterra; e o Colloque de Courchevel, na França, em 1968.

No evento internacional de psiquiatria social londrino de 1964 foi que Basaglia tornou pública a posição pela destruição dos manicômios e apelou por direitos humanos na relação entre psiquiatra e doente mental: “Conseguirá, o princípio da liberdade, derrubar o da autoridade” (Basaglia, 1981:258). O artigo apresentado neste evento será citado como o marco de origem do *Movimento* no livro *Autobiografia de um movimento* (Basaglia e Tranchina, 1979). O título do artigo apresentado em Londres dispensa outros comentários: “A destruição do hospital psiquiátrico”.

Note-se que na Itália, como comentamos anteriormente, os psiquiatras reunidos no evento sugestivamente intitulado “Processo ao manicômio”, 1964, estavam longe de concordar com a perspectiva dos gorizianos.

Em 1967, foi Jervis quem representou os gorizianos em Londres, num evento realizado pelos antipsiquiatras Laing e Cooper. Nesta ocasião, as críticas se dirigem à utopia revolucionária dos antipsiquiatras e à possibilidade de se constituir um projeto alternativo num contexto de clínica privada. Jervis acusa a psiquiatria como técnica repressiva, conformista e segregadora, apontando para a necessidade de se denunciar a violência institucionalizada e radicalizar o processo de reforma da assistência e da teoria (Jervis, in: Basaglia e Tranchina, 1979).

O momento de máxima polarização de posições nos anos 60 ocorreu na França, no “Colloque de Courchevel”, promovido por Balduzzi, em março de 1968. Tratava-se de um encontro promovido justamente para estimular a implantação do programa de psiquiatria de setor.

Neste evento, os gorizianos, apresentaram um texto, produzido por toda a equipe, no qual já criticavam tanto o modelo de comunidades terapêuticas, em sua transitoriedade e ambigüidade, quanto o de psiquiatria de setor, como política de

controle social, confrontando-os com a experiência de Gorizia. Eles já haviam publicado os livros, já citados: *Cos'è la psichiatria* e *L'istituzione negata*. Os gorizianos fazem, na ocasião, uma análise de uma instituição psiquiátrica em crise e anunciam uma psiquiatria que quer negar-se como ciência, produzindo uma anti-ciência. Trata-se da negação do mandato custódialístico e punitivo da psiquiatria; da negação da socioterapia, criticando seu caráter terapêutico e acusando-a como prática de exploração do paciente interno; da negação do hospital psiquiátrico como lugar assegurador e reequilibrador da sociedade (In: Basaglia e Tranchina, 1979:84, 85); e da denúncia da violência e dos papéis institucionais hierárquicos tradicionais na psiquiatria. Enfim, os gorizianos afirmavam que não basta humanizar os tratamentos. Os doentes mentais eram tratados como cidadãos de segunda categoria. Haveria necessidade de uma renovação moral, promotora de liberdade real: como possibilidade de escolha, participação e crítica, de modo a superar a falsa democracia técnica.

Após a *batalha* de Courchevel, ocorre um importante evento, promovido pelo Instituto Gramsci do PCI, em Roma, em 1969, que homologa a mudança de rota dos gorizianos em direção à construção de sintonia com este que era o maior partido de esquerda da Itália e rumo a uma maior politização que conduziria à expansão do *Movimento*. Foi chamado “Psicologia, psichiatria e rapporti di potere”. O Partido Comunista, por sua vez, sinalizou neste evento a intenção de considerar a proposta dos gorizianos. Segundo o documento conclusivo, apresentado por Giovanni Berlinguer, o caráter do encontro foi o de um evento cultural e de luta contra a sociedade opressiva. Ele se solidariza com Basaglia e com os gorizianos pelas pressões que estavam sofrendo na ocasião (em referência ao episódio de 1968, já citado, quando os gorizianos são duramente responsabilizados por um crime cometido por um dos seus pacientes). Efetivamente, neste encontro todo o *establishment* intelectual do PCI se confrontou com o grupo goriziano. Os resultados foram de aproximação política. Sua importância tenderia a crescer posteriormente. A expectativa e o empenho do grupo goriziano eram muito mais amplos do que o apoio do PCI parecia comportar. A ruptura em Parma será um testemunho dos problemas decorrentes deste apoio, e por isto será discutida mais adiante³².

³² No item “Parma: oportunidade inoportuna”.

O final da década de 60 marca um momento tanto de amadurecimento como de profunda transformação no *Movimento Antimanicomial*. Os anos 60 teriam sido a fase de constituição de identidade e do campo de conflito, ambos publicizados pelas alianças e sintonias, mesmo que turbulentas, com os demais movimentos de protesto e iniciativas inovadoras, pela participação nos fóruns profissionais e políticos e, finalmente, pela divulgação das propostas por meio de publicações (livros e revistas).

Interessante salientar que a trajetória delineada escapa ao que fora preconizado na leitura parsoniana. A responsabilização profissional referente aos pares e à clientela se destaca da estrutura normativa, confrontando-a. O conflito, tornado público, converte-se em uma ferramenta de construção da mudança institucional que se insinua. O processo de transformação sai do âmbito privado e ganha forma nos espaços públicos em construção. A racionalidade cognitiva se revela contraditória e descontínua à luz do discurso crítico que emerge e, aos poucos, ganha unidade em torno não de princípios técnicos, mas da identidade construída e, de certa forma, ofertada e administrada pelos gorizianos.

A década seguinte será de expansão e institucionalização do *Movimento*, como veremos no próximo capítulo.